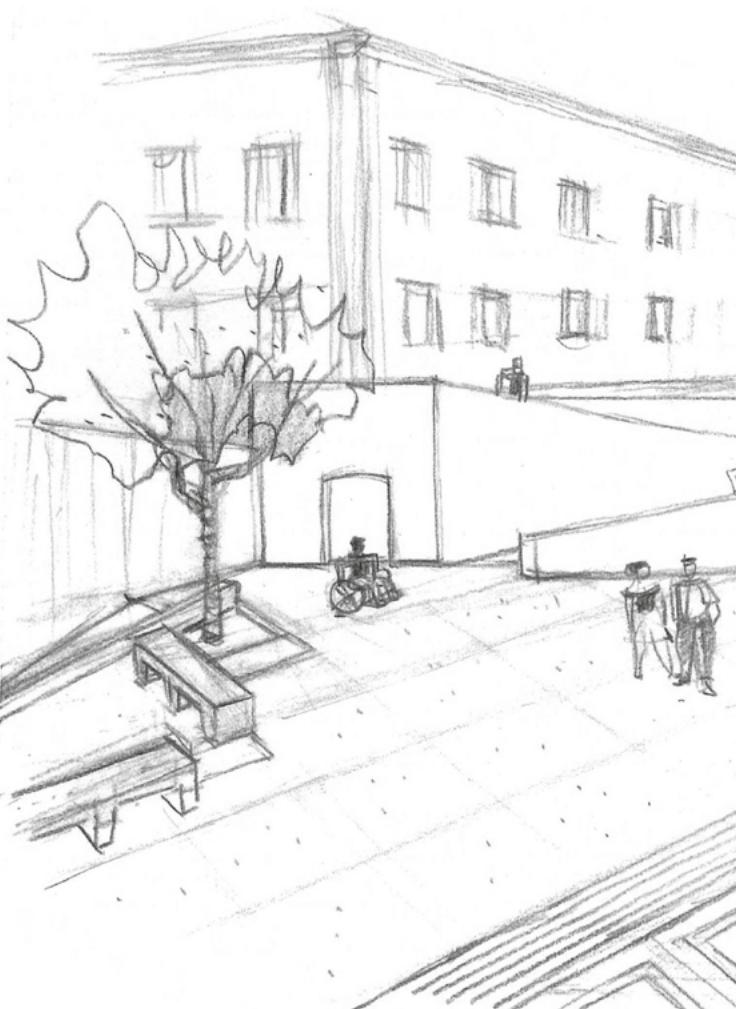
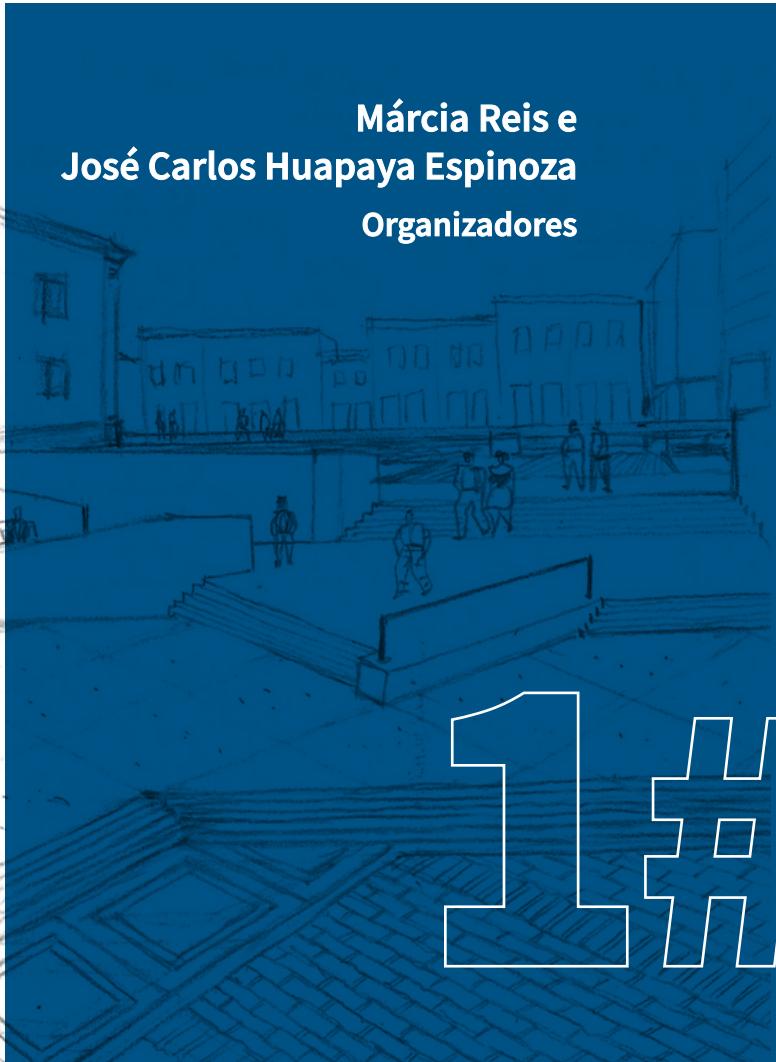


Trilogia Assis Reis

arquitetura e urbanismo na cidade
de Salvador_Praças



Márcia Reis e
José Carlos Huapaya Espinoza
Organizadores



1#

Neste primeiro livro da Trilogia Assis Reis intitulado *Praças*, o foco centra-se na experiência do arquiteto Assis Reis em diversos projetos voltados para a requalificação de diversos espaços públicos da cidade de Salvador durante a década de 1990 e início dos anos 2000. Os resultados dessas propostas podem ser entendidos a partir de sua profunda relação e vivência na cidade; para Assis Reis, essa experiência lhe possibilitou a definição dos princípios básicos que norteariam a sua vida profissional, dessa forma, é possível identificar parte dessa atitude refletida nesses espaços. Além dos documentos gráficos presentes nesta publicação, encontramos também o embasamento teórico-conceitual desses projetos de requalificação urbana. Foram escolhidos pelo próprio arquiteto 12 espaços públicos dentre praças, largos e o passeio público.

Trilogia Assis Reis

arquitetura e urbanismo na cidade
de Salvador_**Praças**

1#

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Vice-Reitor

Penildon Silva Filho



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Susane Santos Barros

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Maria do Carmo Soares de Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo



FACULDADE DE ARQUITETURA

Diretor

Sérgio Kopinski Ekerman

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA
E URBANISMO

Coordenador

Nivaldo Viera de Andrade Junior

Conselho Editorial

Ana Maria Fernandes

Angela Maria Gordilho Souza

Antônio Heliodorio Lima Sampaio

Any Brito Leal Ivo (Vice-Coordenação Editorial)

Arivaldo Leão de Amorim

Felipe Tavares da Silva

Gilberto Corso Pereira

José Carlos Huapaya Espinoza (Coordenação Editorial)

Márcia Genésia de Sant'Anna

Marcio Cotrim Cunha

Mário Mendonça de Oliveira

Paola Berenstein Jacques

Pasqualino Romano Magnavita



Secretaria de
Desenvolvimento
Urbano



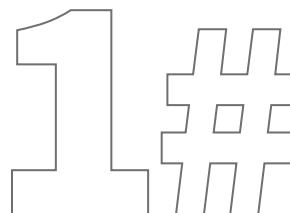
Assis Reis

Trilogia Assis Reis

arquitetura e urbanismo na cidade
de Salvador_Praças

Márcia Reis e
José Carlos Huapaya Espinoza
Organizadores

Salvador
EDUFBA/PPGAU
2023



2023, Assis Reis.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.

Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Analista editorial: *Mariana Rios*

Coordenação gráfica: *Edson Sales*

Coordenação de produção: *Gabriela Nascimento*

Revisão e normalização: *Tikinet Edição LTDA.*

Capa e projeto gráfico: *Gabriela Nascimento*

Imagem capa: *Assis Reis*

Revisão de Provas: *Marcelly Moreira e Bianca Rodrigues*

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

R375 Reis, Assis

Trilogia Assis Reis: arquitetura e urbanismo na cidade de Salvador / Assis Reis; Márcia Reis e José Carlos Huapaya Espinoza, organizadores. - Salvador: EDUFBA/PPGAU, 2023.
32,9 MB. [PDF] : il.

Modo de Acesso: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/38443>

Conteúdo: Livro # 1. Praças – Livro #2. Modelo reduzido e Centro de Identidade Cultural – Livro #3. Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF).

ISBN: 978-65-5630-554-7

1. Urbanização – Salvador (BA). 2. Praças – Salvador (BA). 3. Modelos arquitetônicos – Salvador (BA). 4. Companhia Hidro Elétrica do São Francisco. I. Reis, Márcia. II. Espinoza, José Carlos Huapaya. III. Título: arquitetura e urbanismo na cidade de Salvador.

CDU – 72(813.8)

Elaborada por Geovana Soares Lira CRB-5: BA-001975/O

Editora filiada à:



EDUFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n Campus de Ondina
Salvador - Bahia CEP 40170-115 Tel: +55 (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

Àqueles que sentem a cidade inseparável dos seus valores
históricos e culturais, dedico esta publicação.

Os arquitetos Márcia Reis, minha filha;
o amigo Pedro Nery; e a incansável Érica Checcucci
foram participantes e atuantes na elaboração
e desdobramentos dos projetos das praças.

Assis Reis

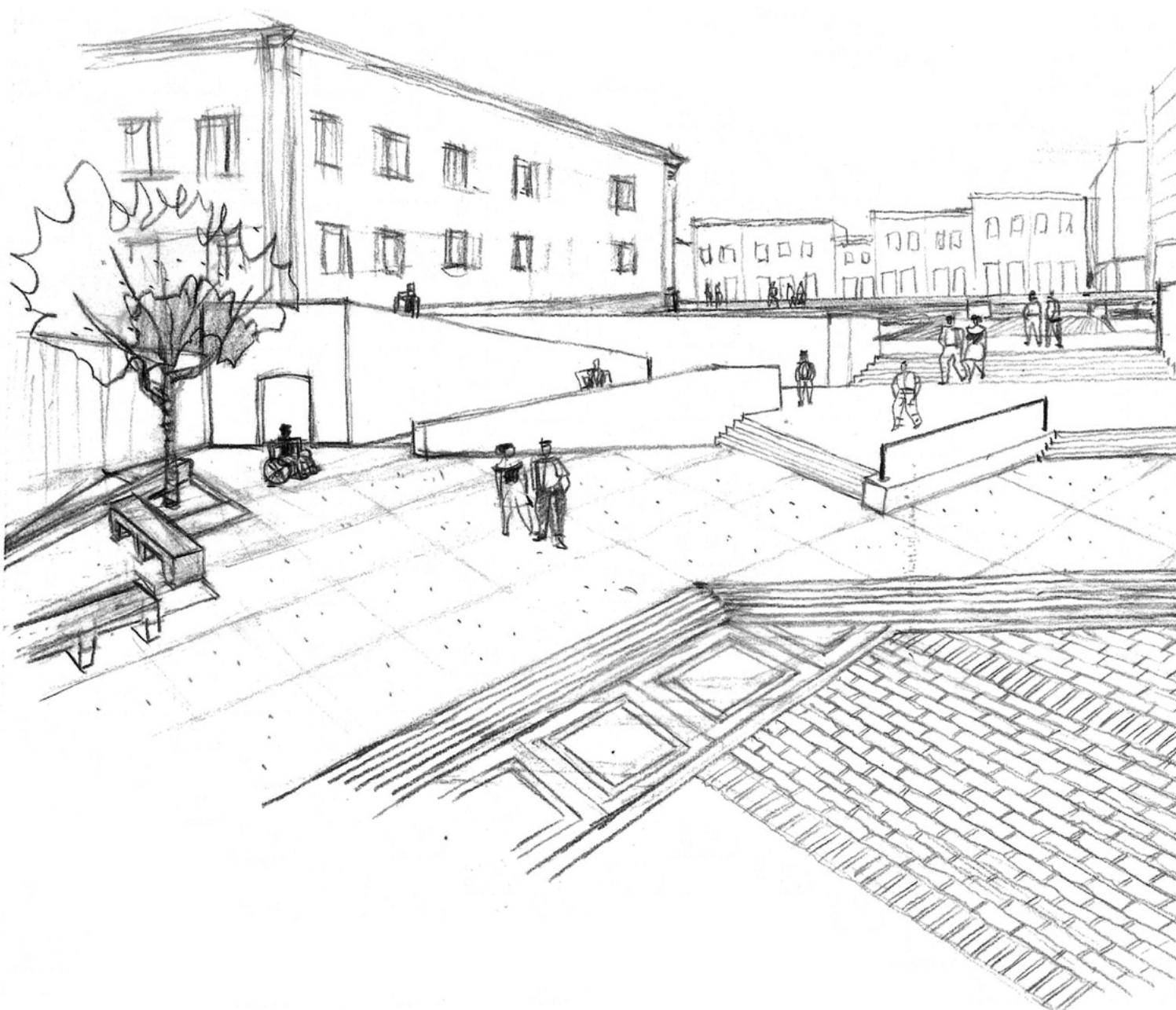
AGRADECIMENTOS

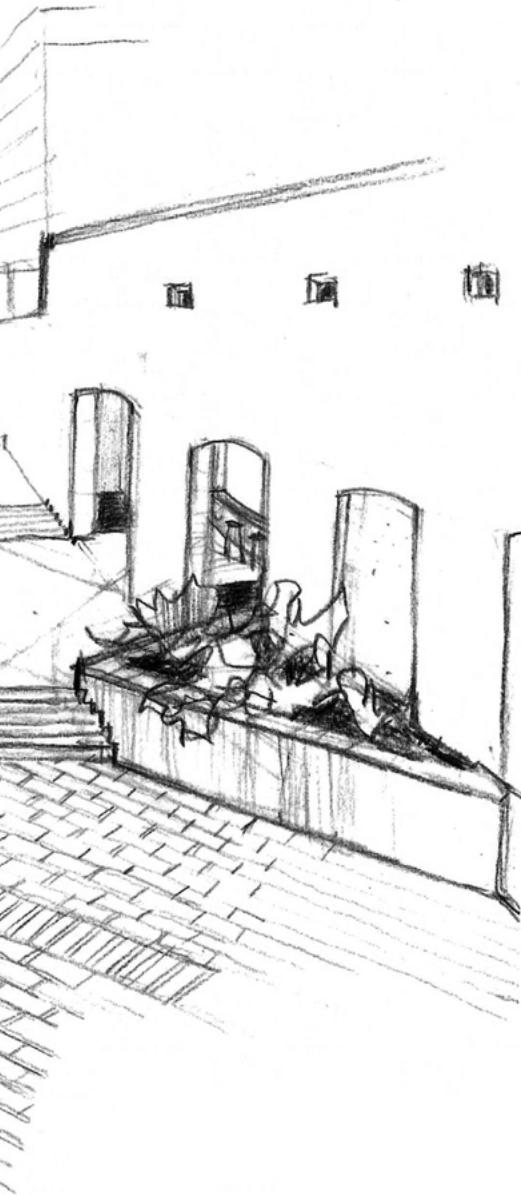
A “Trilogia Assis Reis” se concretiza graças a um esforço coletivo iniciado pelo PPGAU/UFBA através de seu então Coordenador, o professor Nivaldo Vieira de Andrade Junior seguido pela EDUFBA através de sua então Diretora, a professora Flávia Garcia Rosa que acreditaram neste projeto. Todo esse empenho não teria sido suficiente sem a decisiva colaboração e parceria da Fundação Mario Leal Ferreira (Prefeitura Municipal do Salvador), através de sua Presidenta, a arquiteta Tânia Scofield Almeida. A todos eles nossos mais sinceros agradecimentos.

Por fim, não poderíamos deixar de agradecer a nossa amiga Izabel Delmondes, que desde o início, ainda com Assis Reis vivo, iniciou e acreditou nesse sonho, estando ao nosso lado durante toda sua elaboração, enriquecendo essa trilogia com sua rica experiência profissional e; também, a José Carlos Almeida pelo carinho e gentileza em ceder às fotografias que enriqueceram o livro “Praças”.

Márcia Reis e José Carlos Huapaya Espinoza

Salvador, maio de 2023





Sumário 1#_Praças

Apresentação	15
Prefácio	17
Cidade	21
As praças	24
Salvador, <i>locus</i> do meu encontro	27
Sé – sítio sagrado	30
Praça da Sé – projeto	36
Praça da Inglaterra	52
Largo dos Aflitos	59
Largo de Santo Antônio Além do Carmo	64
Largo da Soledade	67
Passeio Público	71
Largo do Pirajá	75
Morro do Cristo	80
Mont-Serrat	83
Largo da Lapinha	87
Praça dos Veteranos	92
Reflexões finais	94
Referências	95





Sumário 2#_Modelo Reduzido e Centro de Identidade Cultural

Apresentação	13
Cortiça, madeira balsa, lixa e arame: elementos da transformação do modelo reduzido da cidade do Salvador	14
Antecedentes	21
A cidade do Salvador em modelo reduzido	25
Maquete de Salvador	41
Assis Reis e a maquete de Salvador: caminhos trilhados	46
As maquetes nas principais metrópoles do mundo	54
Centro de Identidade Cultural da Cidade do Salvador	58





Sumário 3#_Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf)

Apresentação. Dois Franciscos <i>Hugo Segawa</i>	15
Uma gaiola de tijolo flutua nas águas do São Francisco <i>Paulo Ormino de Azevedo</i>	41
Sede Chesf Bahia: ícone arquitetônico preterido <i>Naia Alban</i>	73
A Chesf, de dentro para fora <i>John Taylor</i>	97
Orgulho de ser nordestino: o edifício Eunápio Peltier de Queiroz, sede da Chesf em Salvador <i>Pricylla Girão</i>	105
Influência brutalista na obra do arquiteto Assis Reis: o caso da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) <i>José Carlos Huapaya Espinoza</i> <i>Márcia Silva dos Reis</i>	127

APRESENTAÇÃO

Os tempos passam... Colegas, amigos e familiares sempre cobram um livro sobre os meus trabalhos que os espaços da cidade testemunham.

A atividade como palestrante e conferencista em eventos culturais e, principalmente, as publicações em revistas e livros editados no Brasil e no exterior são as atuações, imagino, geradoras das reivindicações da escrita de tal livro, que, confesso, sempre tive a expectativa de consumir. Portanto, por que não o escrever?

Antes tarde do que muito tarde, passo a reorganizar minhas atividades definindo um lugar destinado à fala escrita do livro. Logo me vejo envolvido por sentimentos opostos – acabrunhado pelo atraso, feliz pelo autorresgate.

Avalio que o trabalho de versar sobre minha obra demandaria longo tempo, incompatível com o tardio início. A solução foi sistematizar os trabalhos em blocos únicos de categorias funcionais, viabilizando, ao menos, alcançar uma trilogia de publicações sequenciais e independentes.

Sem desmerecimento às demais, pincei as obras que oferecem leitura de fácil apreensão dos princípios régios da concepção dos meus trabalhos. Nascidos a partir da minha profunda relação com o *locus*, as praças, largos e passeios públicos assumiram o mérito e responderam pela publicação programada.

Confortável pelo acerto, este primogênito livro recebeu o título *Praças* e é constituído do embasamento teórico-conceitual regente em meus trabalhos de requalificação urbana.

A Lorena Reis, reclamante e incentivadora da ação e razão de um livro sobre meus trabalhos, e àqueles coadjuvantes destas ideias e realizações, externo profunda gratidão.

PREFÁCIO

Qual o sentido de um prefácio ou de uma apresentação para este livro, para estas praças de Assis Reis?

O prefácio explica o que será feito, informa previamente o que se lerá. A apresentação talvez seja um *abre alas* a solicitar atenção para o que virá.

Nada disso é necessário, neste caso.

Os projetos do mestre Assis dispensam intermediários; eles vão diretamente de sensibilidade a sensibilidade, de alma a alma, do povo ao arquiteto ao povo.

Talvez por isso mesmo, o autor relutou tanto em trazer para o papel uma parte da beleza de sua obra. Aquela porção que nos fala dos anteriores e dos durante, que não se veem necessariamente na concretude dos volumes, mas que podem ser percebidos nos espaços. Contudo, transferir para palavras as formas que criou – ou suas gêneses – nos ajudará a ampliar a compreensão sobre a integridade da obra, de sua projeção ao seu uso.

Quem sabe seja a proverbial bem-aventurança baiana que não lhe tinha deixado envolver-se com relatar o que já havia sido concebido, detalhado e construído – e que está em pleno usufruto no cotidiano da Bahia do Salvador. Relatar? Para quê, se o que importa e empolga é o próprio fazer e, depois de feito, espai-recer o espírito na colheita de prazer a que o bom trabalho leva? Para si mesmo e para seus usufrutuários. Já na primeira frase deste livro, Assis sintetiza essa compreensão, ao dizer:

Colegas, amigos e familiares sempre cobram um livro sobre os meus trabalhos, que os espaços da cidade testemunham.

Mas a insistência de amigos e familiares quebrou a sua resistência.

Agora, felizmente! A resposta veio através das imagens das praças que desenhou e do comentário apurado, leve, quase jocoso; sempre preciso. Assis, para além da arquitetura, é mestre na prosódia e na narração. Conta e encanta seus ouvintes. Isso será comprovado nas próximas páginas.

Quisesse mesmo um Prefácio, pararia por aqui. Não retardaria o prazer de ouvir o nosso arquiteto.

*Um dia, enamorou-se loucamente de uma senhora de alto
coturno, e enviou-lhe de mimo três estrelas do Cruzeiro,
que então contava sete.*
(ASSIS, 1994)¹

As praças projetadas por Assis Reis para a Bahia do Salvador se constituem como presente seu à sua cidade. As praças não foram inventadas; foram reconhecidas.

Na abordagem metodológica que o caracteriza, nosso arquiteto explica passo a passo como trouxe de cada sítio os elementos significativos de suas respectivas naturezas.

Como extraiu, do abandono a que estavam relegados esses lugares, as forças vitais que lhes deram presença na história e na cultura de Salvador. Como as fez novamente aflorar para o brilho em nossa contemporaneidade.

No caso mais paradigmático, a Praça da Sé.

Nela, Assis recupera as reminiscências do antigo desenho da igreja; traz à tona os primitivos alicerces; refaz o encontro do edifício com o extinto adro. Constrói a esplanada. Projeta o Memorial da Cidade. E, neste livro, nos conta sua frustração com a perda da proposta por inapetência cultural do órgão encarregado justamente da sua defesa.

Poderia se dar por satisfeito. Mas, não. Busca o essencial.

1 ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. 2. Não paginado.

Na beleza do conjunto, sobressai o elemento síntese do novo espaço, em sua interrelação com a história e com a cultura do lugar e da própria cidade: a Cruz Caída.

Assis, com a ajuda do escultor Mario Cravo, conseguiu o símbolo do antes em conjugação com o futuro. Na alma do povo.

Para mim, essa é a potência máxima do espaço arquitetônico.

E na Praça da Inglaterra?

Abandonada e partida, era apenas uma lacuna; deixara de ser praça.

O arquiteto busca as origens do lugar. Articula novos elementos. Atribui ao pórtico, ao banco (em azul prussiano), à árvore, as tarefas de estimular o uso cotidiano.

Assis faz aflorar a luz, que invade a área, “pintando uma praça em festa e alegria”.

Largo dos Aflitos, Largo de Santo Antônio Além do Carmo, Largo da Soledade, Passeio Público, Largo do Pirajá (“convitativo às reinterpretações desejadas”), Morro do Cristo, Monte Serrat, Largo da Lapinha, Praças dos Veteranos.

Cada um desses espaços é recuperado, não porque o projeto do arquiteto fechou ruas inóspitas, construiu esplanadas bonitas, pavimentou caminhos, sombreou alamedas. Isso teria sido importante, é claro; porém, embora enorme, seria apenas o tratamento urbanístico.

Assis foi ao fundo. Recompôs em cada uma delas a dignidade do indispensável, da premência; recuperou-as de áreas a espaços.

Sim, “os espaços da cidade testemunham os meus trabalhos”.

Penso que este é o presente mais bonito que o arquiteto poderia oferecer à sua enamorada cidade. Neste caso, esse Cruzeiro voltou a ter onze estrelas.

Sérgio Magalhães

Dezembro de 2019

CIDADE

Neste mais de meio século, as nossas cidades e principais capitais viveram grandes transformações. Nas últimas décadas, um processo de profundo empobrecimento revelou a imagem de decadência. Os espaços da cidade expõem a franca deterioração que atinge aqueles importantes quadros urbanos sinalizadores da cultura e da história.

Consideram-se como integrantes e protagonistas desse fenômeno urbano a densificação populacional, o advento do automóvel, o processo de industrialização e as novas matrizes do urbanismo moderno. Embora tenham acrescentado e imposto novos valores urbanos, provocaram a perversidade cultural de ceifarem notáveis ambientes e monumentos históricos em benefício da estrutura viária e da tecnologia.

As ruas que costuram o tecido urbano se transformaram em espaços ermos da velocidade motorizada, perdendo desse modo a face antropológica: não são mais a extensão da casa, nem são apropriadas para o lazer, o andar e a troca entre seus habitantes.

Esvaziada, a rua passa a atrair os abandonados sociais para toda sorte de atividades marginais, disfunção que se alastra aos largos e praças.

Degrada-se o ambiente urbano. Desfoca-se o reconhecimento dos espaços público e privado. Salvador, metrópole eminentemente histórica, considerada uma das principais capitais latino-americanas, não escapou deste furor urbanístico. A série de desgovernos subtraiu os valores mais representativos e endógenos da comunidade.

A cidade do Rio de Janeiro procurou reverter esse quadro de degradação urbana: elaborou na década de 1990 um plano de natureza estratégica – o Rio-Cidade.

É a ênfase no local, na mobilidade, no desenho, na imagem e na cultura urbana. É a síntese da elevação da autoestima e da devolução dos espaços a quem são de direito: a população.

O sucesso deste plano motivou a gestão de Salvador a dotar um programa de requalificação dos espaços públicos degradados da cidade, com inauguração prevista para as comemorações da fundação da cidade.

A ideia urbanística de renovação expande-se universalmente. A globalização estimula uma crescente ação competitiva entre as cidades. Elas se organizam, formando redes, e passam a ser representativas de si mesmas.

Os significativos tempos, os testemunhos históricos e culturais e as autenticidades, realçados, clarificam a leitura das marcas contínuas da identidade urbana, realidade que permite à cidade ser considerada protagonista da contemporaneidade.

A projeção desse sentido conceitual fundamenta os projetos de revitalização das praças e largos que realizamos em Salvador.



Figura 1

Dinâmica mercantil da Bahia de Todos os Santos com o frontispício da cidade medieval sobre as colinas
Fonte: gravura do século XVII de autoria de Claez Jansz Visscher e Hessel Gerritsz.

AS PRAÇAS

Os espaços públicos, aqueles claramente existentes na rede urbana, são os mais significativos da cidade. Eles conformam os largos, terreiros, pátios e praças, cujo valor socializante qualifica sua essencialidade.

Entre nós, geralmente, os pátios, os terreiros e os largos são espaços secos ou pouquíssimo ajardinados. Ao contrário, as praças, mais tarde, foram associadas a espaços verdes, arborizados.

Nos povoados, nas vilas e nas cidades, nasceram as praças, nos adros das capelas ou igrejas, ou em locais de estratégia militar. Somente mais tarde surgiram em outros locais da cidade.

Nos primeiros anos do século XX, as praças tradicionais das cidades coloniais brasileiras foram ajardinadas, organizadas ecleticamente e destinadas a programas sociais e de lazer. Elas foram influenciadas pelos jardins europeus, principalmente os franceses, em virtude da grande repercussão das transformações urbanas em Paris consumadas pelo plano Haussmann. Novas avenidas, bulevares, alamedas, jardins e parques despontaram.

Esse século foi palco de grandes transformações ocorridas nas sociedades, na economia, na cultura e nas artes. Trouxe-nos o chamado Movimento Moderno, de forte conotação europeia.

Aqui, já na década de 1930, as realizações pioneiras do arquiteto Roberto Burle Marx expunham desenhos compostos de linhas sinuosas de dinâmica neobarroca, que valorizavam a utilização das nossas plantas tropicais, revelando o país na rica composição cromática.

Os trabalhos em praças, jardins e parques realizados por esse mestre se tornaram universais.

Hoje, afastadas ou liberadas dos princípios modernistas, as novas praças têm sido projetadas com programas diversos de utilização social. Hierarquizam o lazer e atribuem multiusos às áreas livres, proporcionando transparência e clareza ao conjunto. Contam com equipamentos tecnológicos que oferecem conforto e permitem intercâmbios.

Alcançar a premissa maior – o convívio dos tempos passados com os da contemporaneidade – é a ideia dos projetos de largos e praças aqui expostos.



Figura 2

Evolução física da Cidade do Salvador, 1551
Fonte: Universidade Federal da Bahia (1979).

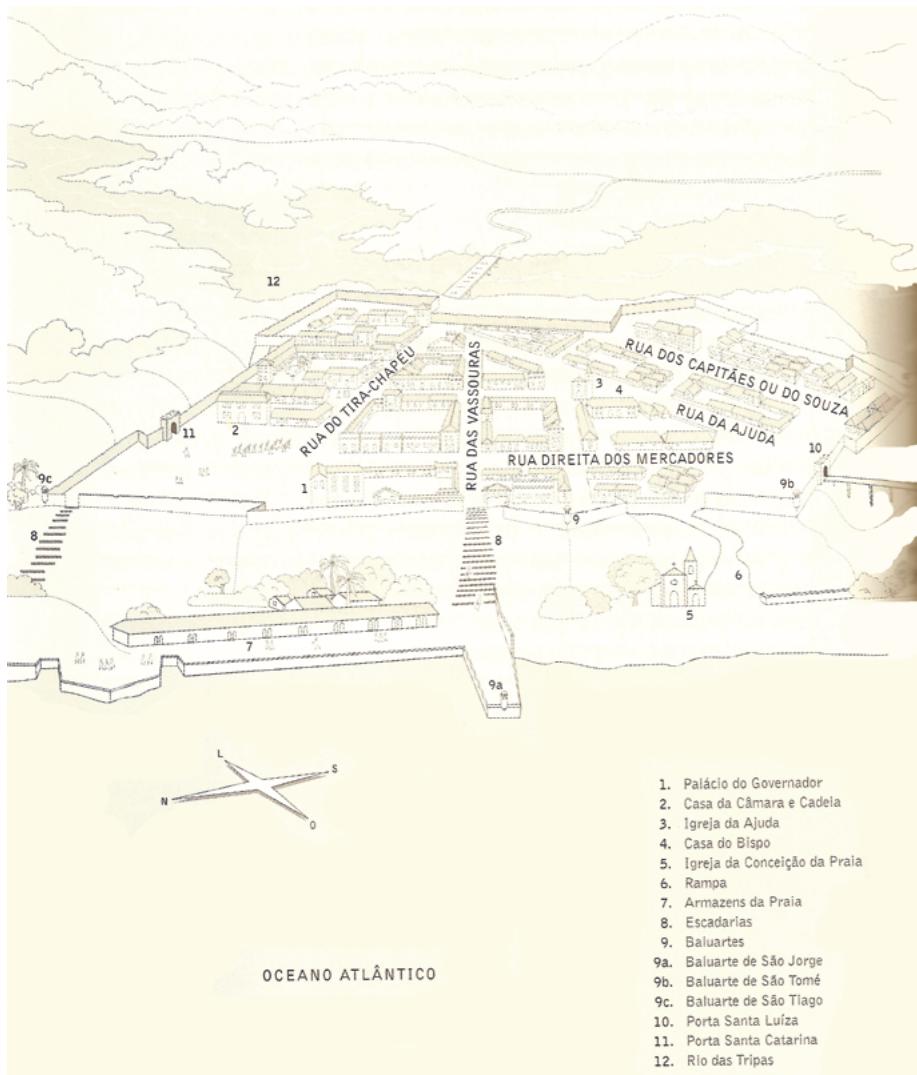


Figura 3

Perspectiva da cidade intramuros

Fonte: Bueno (2006).

SALVADOR, *LOCUS* DO MEU ENCONTRO

Ainda adolescente, na cidade baixa, deparo-me com o frontispício da principal imagem de Salvador. Fascinado, visualizo aspectos do sítio, que se entrelaçavam às lembranças de antigas e acasteladas cidades medievais.

A escarpa, de forte impressão, com sessenta metros de altura, que culmina alinhada com o casario assobradado, é ritmada pelo destaque das torres das igrejas.

Incrustadas na impressionante encosta, muralhas de pedras com contrafortes são riscadas por ladeiras que alcançavam o alto.

Em contraste com o consistente cenário, uma moderna e inesperada obra monumental – o Elevador Lacerda – surge articulando as duas cidades, a alta e a baixa, com 400 mil habitantes à época.

A primeira linha de colinas, chamada de núcleo histórico, marcou e acompanhou meu amadurecimento.

Na sucessão das praças históricas, os maiores e menores acontecimentos realizavam-se enquanto convergências dos câmbios sociais, das contestações, dos namoros e das práticas cívicas e religiosas.

Tudo estava e ocorria neste centro. Vida diurna e noturna intensa. Assídua participação tive.

Pré-arquiteto, no Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador (Epucs), passo a trabalhar entre ilustres pessoas de diversas formações. Foi grande experiência, minha principal escola. Nela, aprendi a ler Salvador.

Na sua boemia, aprendi a amá-la.

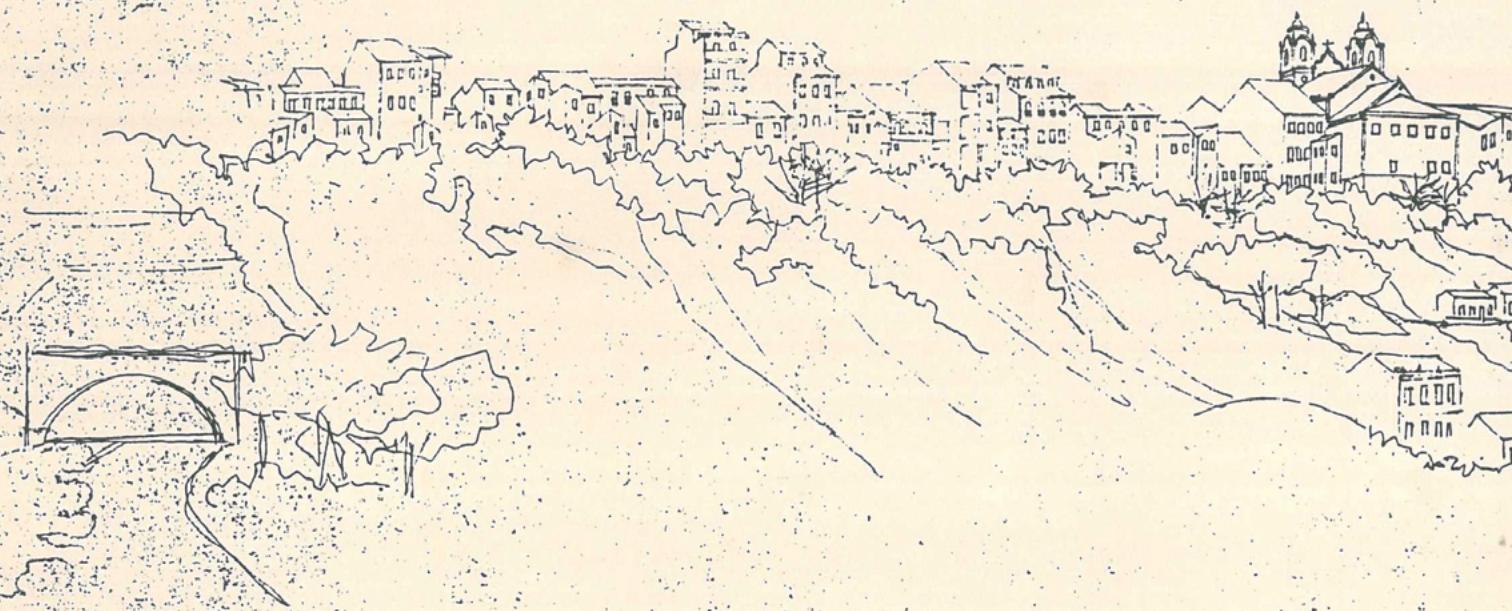
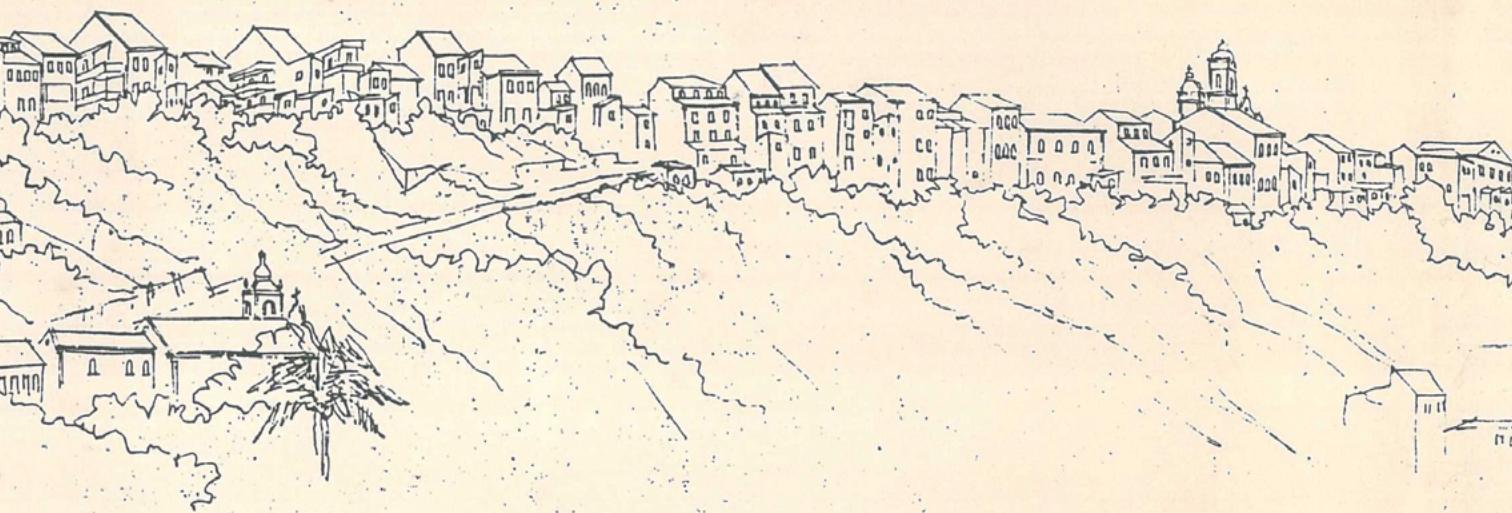


Figura 4

Frontispício da Cidade do Salvador elaborado por Assis Reis em 1967
Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho Assis Reis.



SÉ – SÍTIO SAGRADO

Nascido com a geração dos principais espaços da fundação da cidade do Salvador – cidade intramuros, com as portas Santa Catarina ao norte e Santa Luzia ao sul – e localizado na eminência geomorfológica que apreende a Baía de Todos os Santos, defesa natural da cidade, o sítio da Sé torna-se o núcleo primordial de evangelização das terras bravias.

Sinalizando o marco inicial, primeiramente de palha, depois de pedra e cal, a construção definitiva da igreja primacial da Sé consagra o território brasileiro.

Sua vizinhança ao norte eram o terreiro jesuítico e o Colégio, centro cultural e religioso; ao sul, o hospital da Misericórdia e o centro administrativo – praça com a comarca, cadeia e palácio dos governadores.

Ao oeste, o vazio abismal ocupava a escarpa. No sopé, a praia: porto e alfândega, na ribeira, constituem a escala da carreira da Índia para suprimentos de água doce e reparos das avarias das naus.

Daí e dos baixios circundantes alcançava-se a Sé pelas Ladeiras da Misericórdia, Conceição, Preguiça e outras. A carga subia nos guindastes dos padres, em proveito da Companhia de Jesus.



Figura 5

O porto da Cidade do Salvador no século XIX, óleo de Diógenes Rebouças
Fonte: Rebouças e Godofredo Filho (1979).



Figura 6

A Igreja Primacial da Sé no século XIX, óleo de Diógenes Rebouças
Fonte: Rebouças e Godofredo Filho (1979).

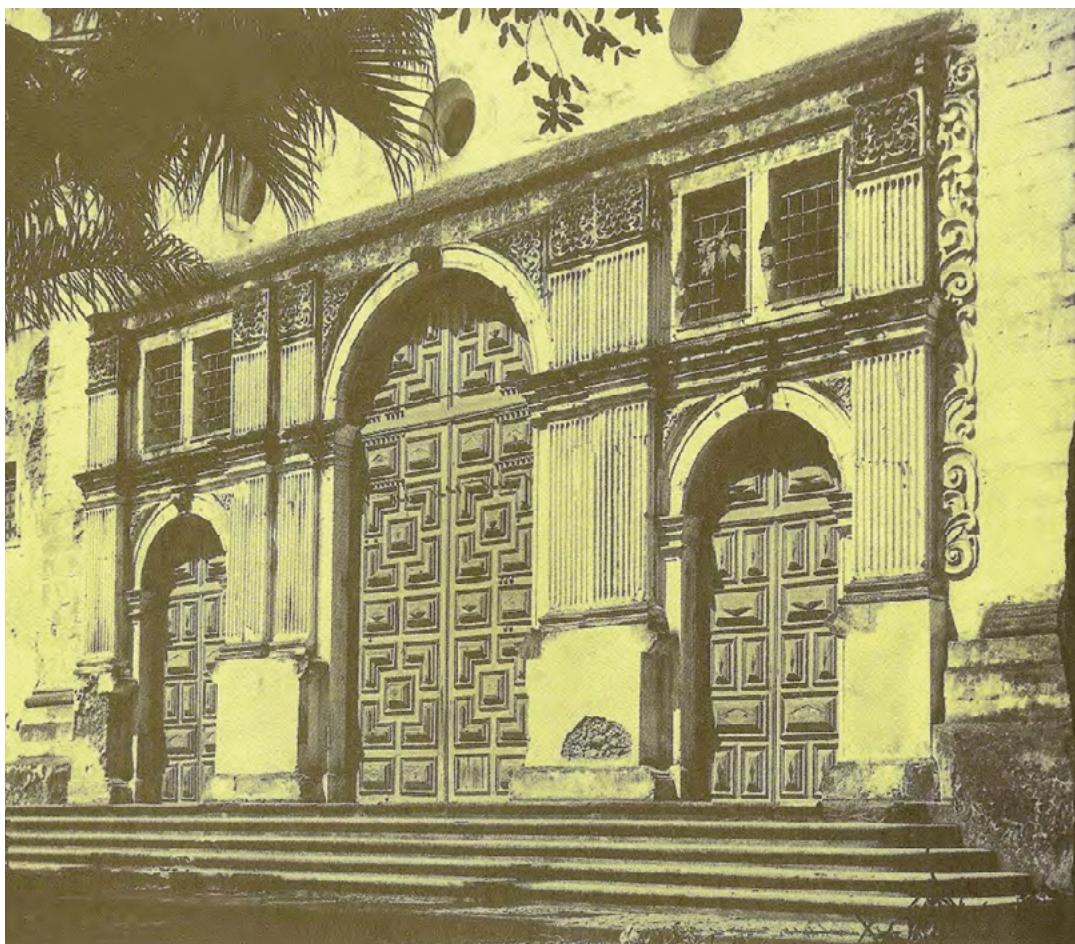


Figura 7

Vista frontal da Igreja Primacial da Sé

Fonte: Prefeitura Municipal de Salvador, Governo da Bahia e Secretaria da Cultura e Turismo (1999).



Figura 8

Escombros da derrubada Igreja Primacial da Sé, 1933

Fonte: Peres (1999).



Figura 9
Praça da Sé, Anos 1990
Fonte: arquivo pessoal
de Pedro Nery.

PRAÇA DA SÉ – PROJETO

Em tempos idos, cotidianamente, vivenciei o núcleo histórico da nossa cidade, ora para encontros ou lazer, então local dos principais acontecimentos da vista da Cidade do Salvador.

Este fato desenhou no meu espírito uma intimidade espacial, de rico cenário, forjada como se fosse inata. Posteriormente, durante a minha formação, aquela “coisa feita” esteve sempre presente e, somada aos conhecimentos dos outros valores urbanos extranúcleo, totalizou uma compreensão valorosa da nossa histórica e baiana Cidade do Salvador, primeira capital do país colonial, até 1763.

Quando convidado para responder pelo estudo de requalificação do espaço da Sé, em 1997, fui tomado pela ideia de reconhecimento da fundamentação dos meus trabalhos, expondo critérios para originar espaços identificados com a história e a cultura locais.

O formato geral do espaço da praça orienta-se em duas direções. No sentido oeste, tem-se o local da demolida Sé Primacial, igreja de fachada e adro voltados para o mar da Baía de Todos os Santos. A outra direção, ao norte, desloca-se até encontrar a lateral da catedral, espaço longilíneo herdado da demolição das antigas edificações ali existentes.

Caracterizado pela junção daquelas porções, resulta um vazio na forma da letra “L”, que oferece natural flexibilidade funcional e espacial para o plano de reconstrução.

A categoria de urbanidade desse local e os estudos dos seus desempenhos seculares e atuais foram os determinantes para as interpretações dos valores criados.

Assim, originou-se uma teórica frente de trabalho composta dos seguintes regentes básicos: escavações arqueológicas, recuperação do passado, materializa-

ção de novos componentes com modernidade, determinação de espaço para o Memorial da Cidade e criação de ambientes de convívio coletivo.

No local da Sé “demolida”, as escavações arqueológicas apontadas para os extremos cantos da planta retangular revelariam os primitivos alicerces. Estes nichos resultantes, quando da visita pública, exibiram depoimentos da nefasta derrubada da igreja primacial da Sé, em 1933. Estes trabalhos arqueológicos foram coordenados e dirigidos pelo competente arqueólogo Carlos Etchevarne.

O desenho da planta da igreja foi fielmente reproduzido no piso da praça, onde assinala o vazio da nave central, suas capelas laterais e, ao fundo, o alta mor com suas sacristias. O traçado impresso do contorno do templo articulou-se visualmente com os alicerces contidos nos nichos escavados.

Refazendo a relação igreja-adro, nasce um conjunto de escadarias interligando os espaços formados em níveis diferenciados que se findam em terraço mirante, substituindo o belvedere ali existente.

No seu lado esquerdo, situam-se os serviços de uma cafeteria, sorveteria e lojinhas de *souvenirs*, permeadas pela escadaria da galeria do salão, em nível superior, para exposições do material selecionado da escavação arqueológica.

No lado oposto, foi imaginada uma monumental “cruz caída”, como marco e símbolo da derrubada da Sé, ideia que foi reinterpretada pelo magistral escultor baiano Mario Cravo. Também sobre o guarda-corpo da escarpa se situam lunetas para desfrute e visualização da baía e suas ilhas.

No alongado espaço que estende-se até a lateral da catedral, mantida ali a antiga rua do Colégio, dois ambientes voltados para um novo uso público foram delineados e apropriados.

O primeiro, uma alameda com árvores dispostas em canteiros dotados de flancos de bancos com adequada iluminação, costurados por um desenho de piso granítico. Na linha axial desta alameda, estão posicionados os monumentos ao

primeiro bispo, D. Pero Fernandes Sardinha, e ao primeiro governador, Tomé de Sousa.

O segundo ambiente, destinado ao Memorial da Cidade, apresenta uma considerável escadaria, ladeada por inclinadas cortinas d'água, que permite acesso ao grande salão de exposição pública, onde se encontra uma amostragem do importante acervo comemorativo da Fundação da Cidade do Salvador. Sua cobertura é uma plataforma-laje no nível do piso da praça, marcada com uma cruz de malta em baixo relevo.

Do extremo norte da plataforma, partem cabos de aço estendidos e tracionados sobre a área do pátio do salão, que se ancoram no coroamento das arcadas plantadas no final do pátio. Sobre os cabos, uma cobertura transparente em polícarbonato protege o ambiente da chuva.

Finalizada a concepção desta sagrada praça, instalou-se um repentino estado de espírito que me lembrava a reflexão do poeta T. S. Eliot: o fim de toda busca será chegar ao lugar onde começamos e ter a sensação de descobri-lo pela primeira vez.

Entretanto, semanas passaram-se após a entrega do projeto, quando fui informado de que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) questionara a existência do Memorial da Cidade no espaço da praça e determinara que, portanto, não poderia ser executado.

Diante disso, foi realizada uma reunião na sede do Iphan com a presença do secretário de Planejamento Municipal. Nessa reunião, foram discutidas as razões críticas legais, suas respectivas interpretações e as possíveis reconsiderações mediante argumentações consistentes. Foi inútil: o embargo já era irremediável e se tornara absoluto.

Saí daquela improdutiva reunião criticamente persuadido: o respeitado e nobre Iphan do passado, agora potencializado pela Organização das Nações Unidas

para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que considerou o Centro Histórico como Patrimônio da Humanidade, provocou na mentalidade dos técnicos burocratas do órgão um exagerado autovalor das suas avaliações analíticas e os fez rejeitar sumariamente hipóteses de reconsideração, até aquelas tradutoras de salutar avanço social e cultural, congênicas à revitalização do bem patrimonial.

A histórica Salvador e a Praça da Sé perdem o que seria o seu Memorial da Cidade.

Diante desta realidade, que ceifou um dos principais valores do projeto da praça, o prefeito oficializa à Secretaria de Planejamento sua decisão: uma fonte luminosa substituirá imediatamente o impossibilitado memorial. O cronograma da construção da praça encontrava-se muito atrasado.

Desanimado, coube-me indicar a planta baixa da fonte luminosa em extensão à Cruz de Malta em relevo. O projeto executivo foi elaborado por uma empresa especializada em fontes, que, diferentemente do nosso projeto original vetado pelo Iphan, construiu-a com pretensos esguichos verticais, espalhando nuvens de respingos que, pela ação do vento, afastam os transeuntes a distâncias consideráveis para evitar o inconveniente banho.

No extremo pedaço da praça, em seguida à fonte luminosa, propomos uma escavação arqueológica para expor os alicerces do antigo Colégio dos Jesuítas que ali existira, para conhecimento e visitação pública.

Assim, estava terminado o projeto de requalificação da Sagrada Praça da Sé.

Muito adiante, cinco anos depois da construção da nova praça, um incontido e suposto autoconvite leva-me a revisitá-la. Os nichos com os alicerces expostos, separados entre si, promovem um intenso movimento das pessoas atraídas pela amostragem. Do mesmo modo, o público utiliza a grandiosa escadaria que se propaga, gera patamares de acesso aos serviços de conforto e finda-se no aterramento da encosta, onde se destaca a monumental Cruz Caída. A Baía de Todos os Santos

é o pano de fundo da impressionante escultura, que, imaginada como marco da derrubada da igreja, transcende, tornando-se um novo símbolo urbano da cidade.

As árvores em dupla linha, já crescidas, ambientam a alameda, produzindo um confortável sombreamento para a permanência, descanso, encontro e lazer. As passagens, o vaivém das pessoas e dos grupos de turistas, estes últimos orientados por guias locais, mostram um quadro útil e saudável de intenso uso coletivo do espaço da praça.

Em que pese a fonte luminosa ter sido boa ideia, lamentável é o seu desempenho hidratando os transeuntes.

Enfim, confirmei o esperado: a praça reafirma a identidade histórica do local através dos renovados espaços socializantes, na dimensão de o novo ser o renovado, reconhecido pelos ciclos da história.



Figura 10

Escavações arqueológicas nos alicerces frontais da Igreja Primacial da Sé
Fonte: arquivo Assis Reis.

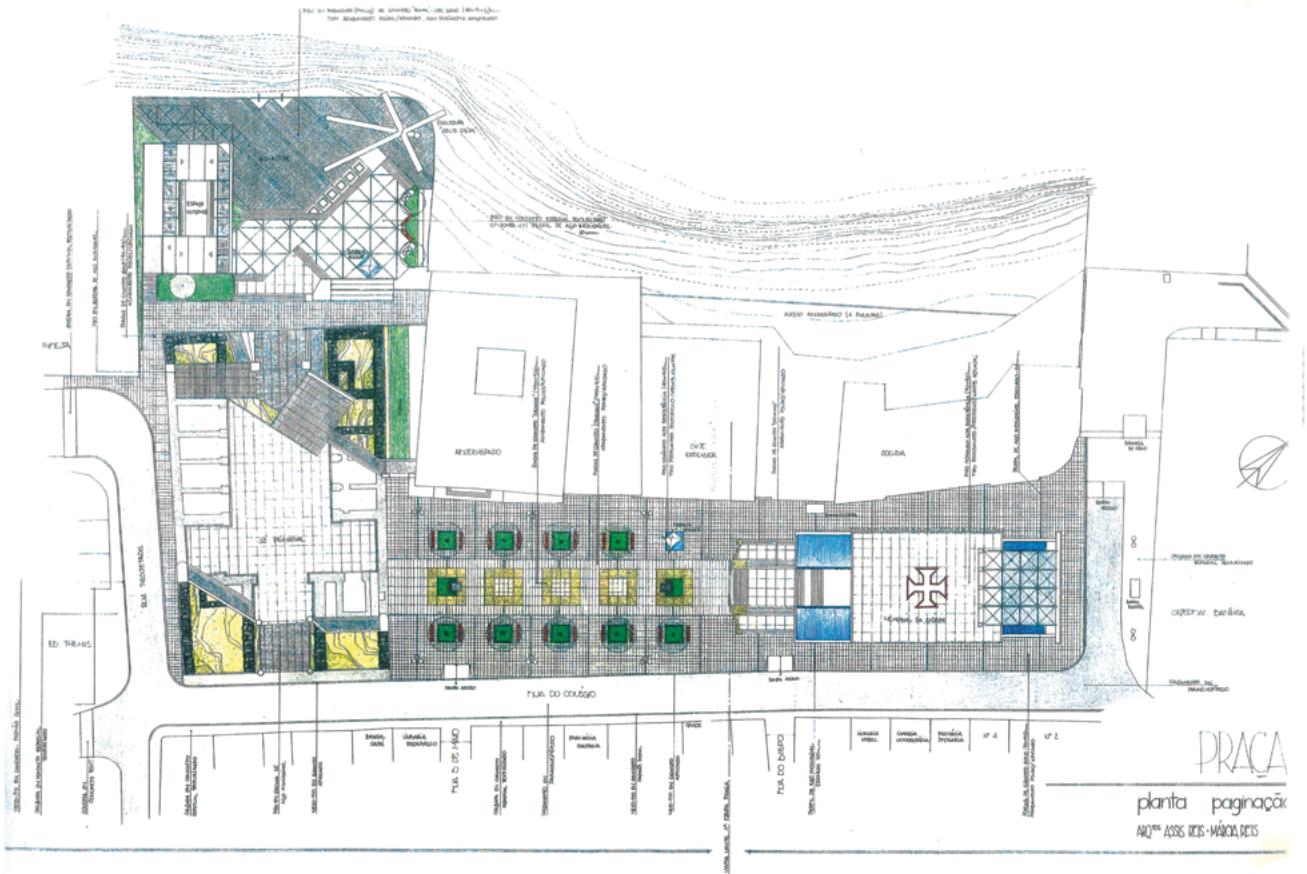


Figura 11
 Anteprojeto da requalificação da Praça da Sé (sem escala gráfica)
 Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.

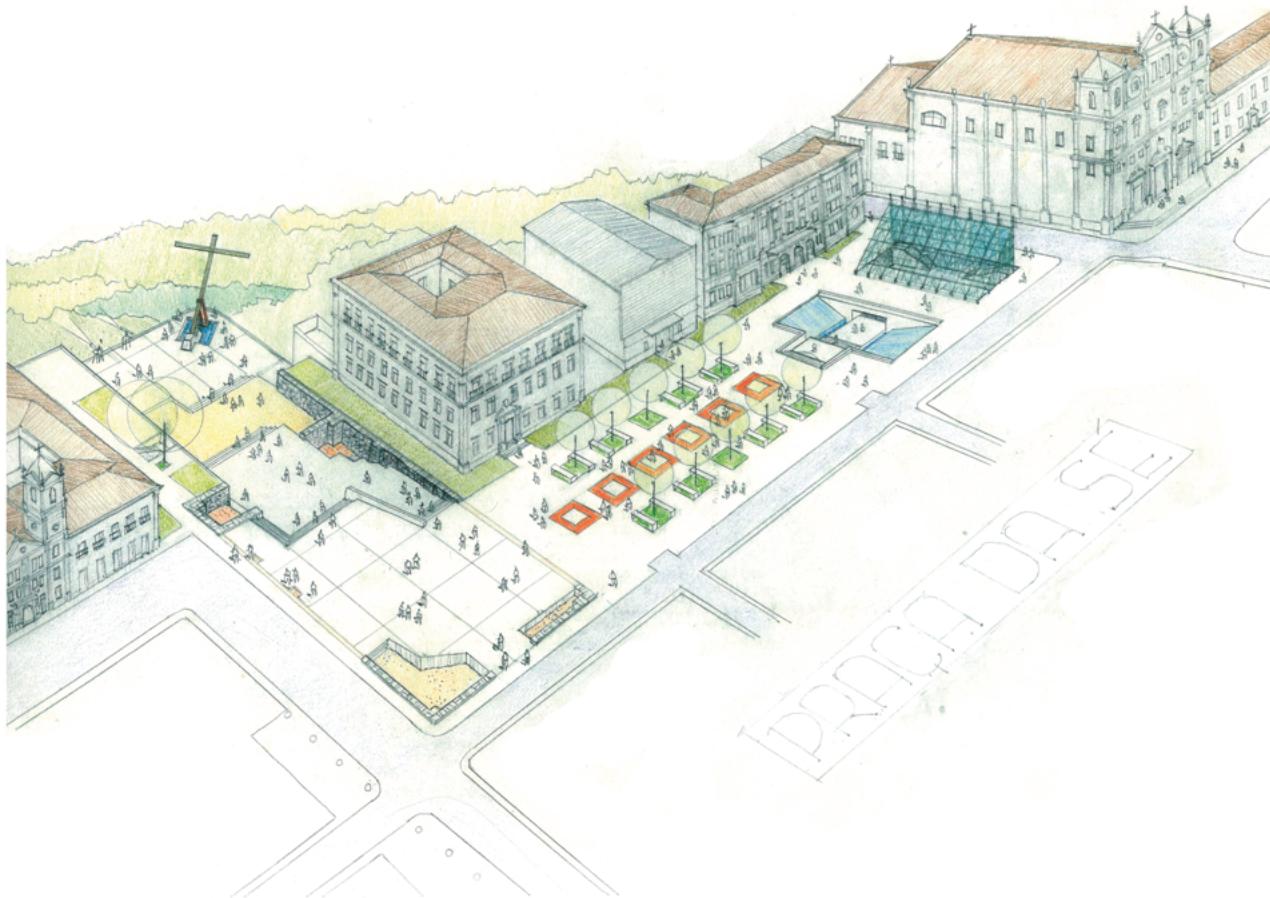


Figura 12

Perspectiva do anteprojeto da Praça da Sé
Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.

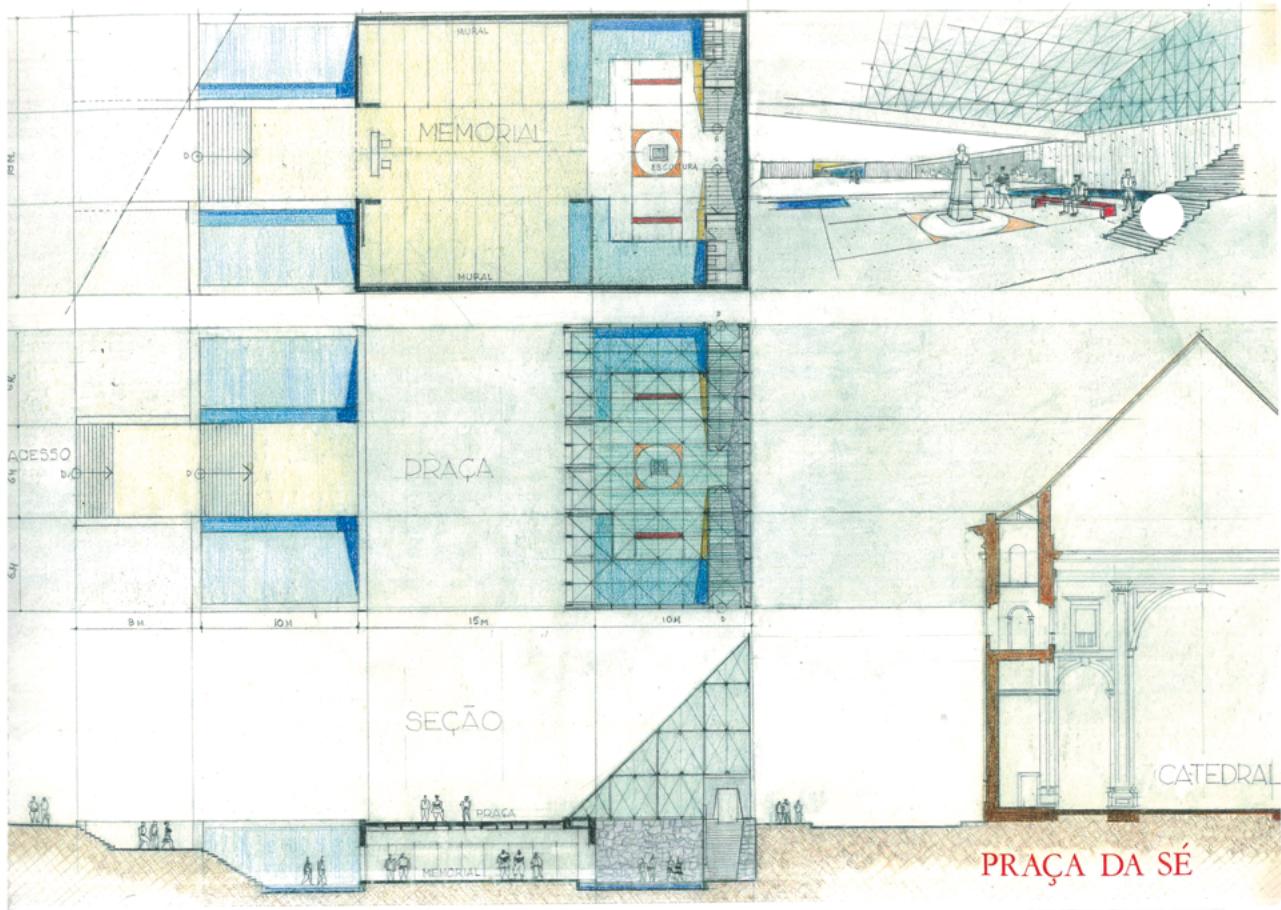


Figura 13

Anteprojeto do memorial da Praça da Sé, não executado
 Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.

memorial da sé

PRAÇA

Julho de 98 escola 1/25

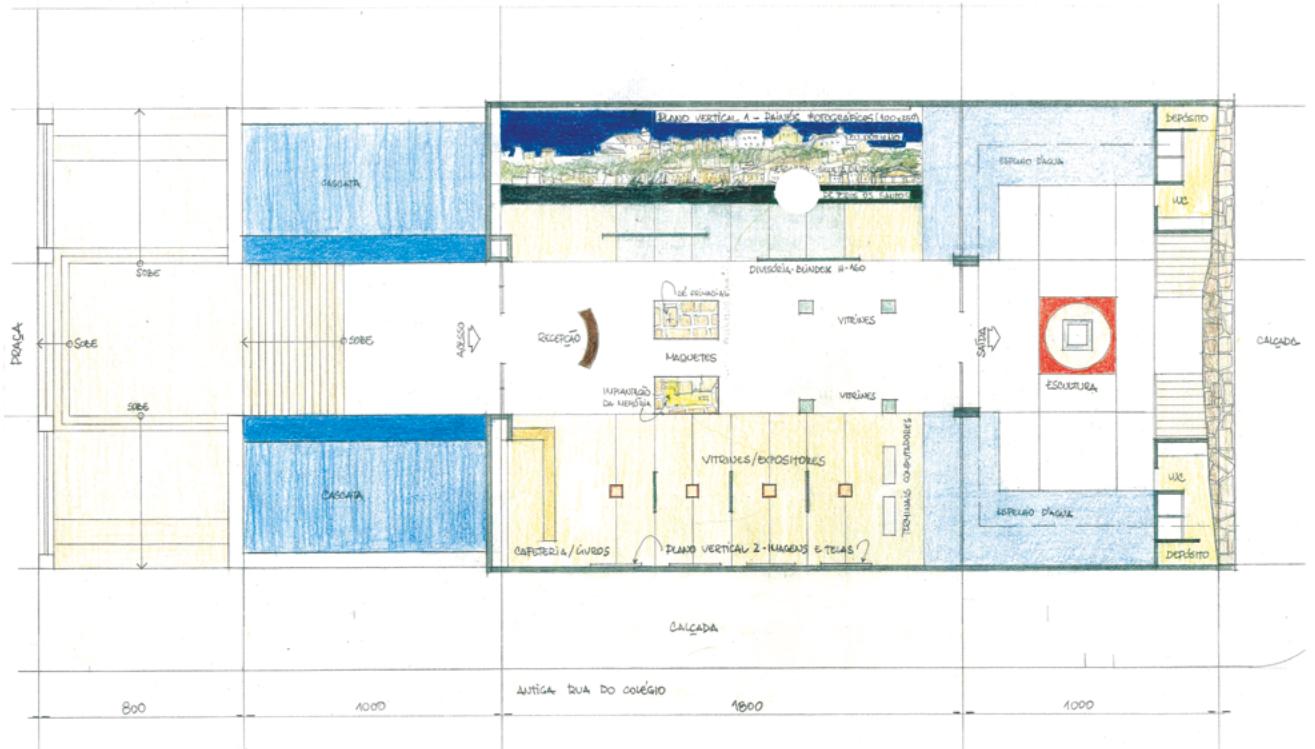


Figura 14

Planta baixa do memorial do projeto de requalificação da Praça da Sé, não executado
Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.

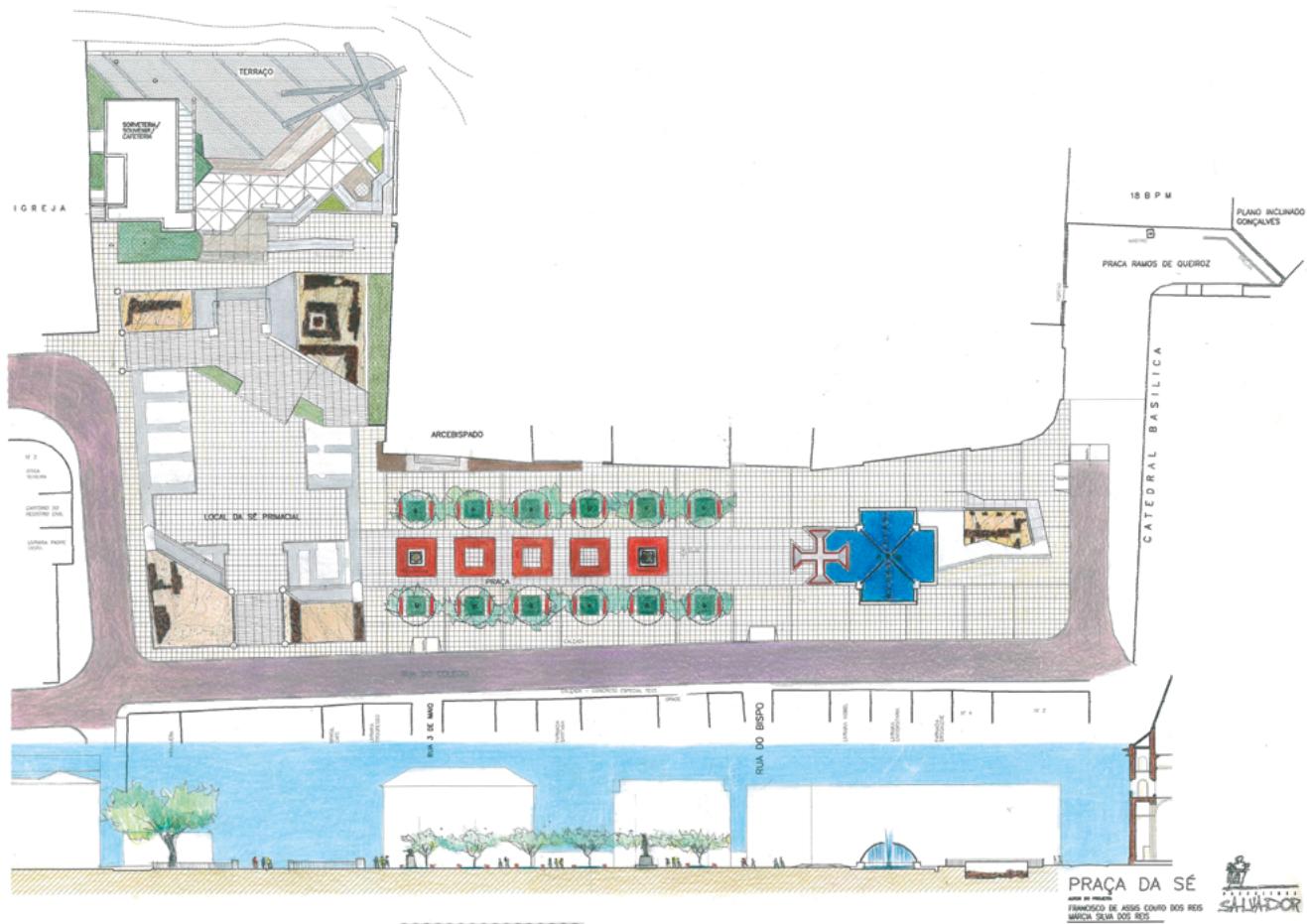


Figura 15
 Projeto definitivo de requalificação da Praça da Sé
 Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.

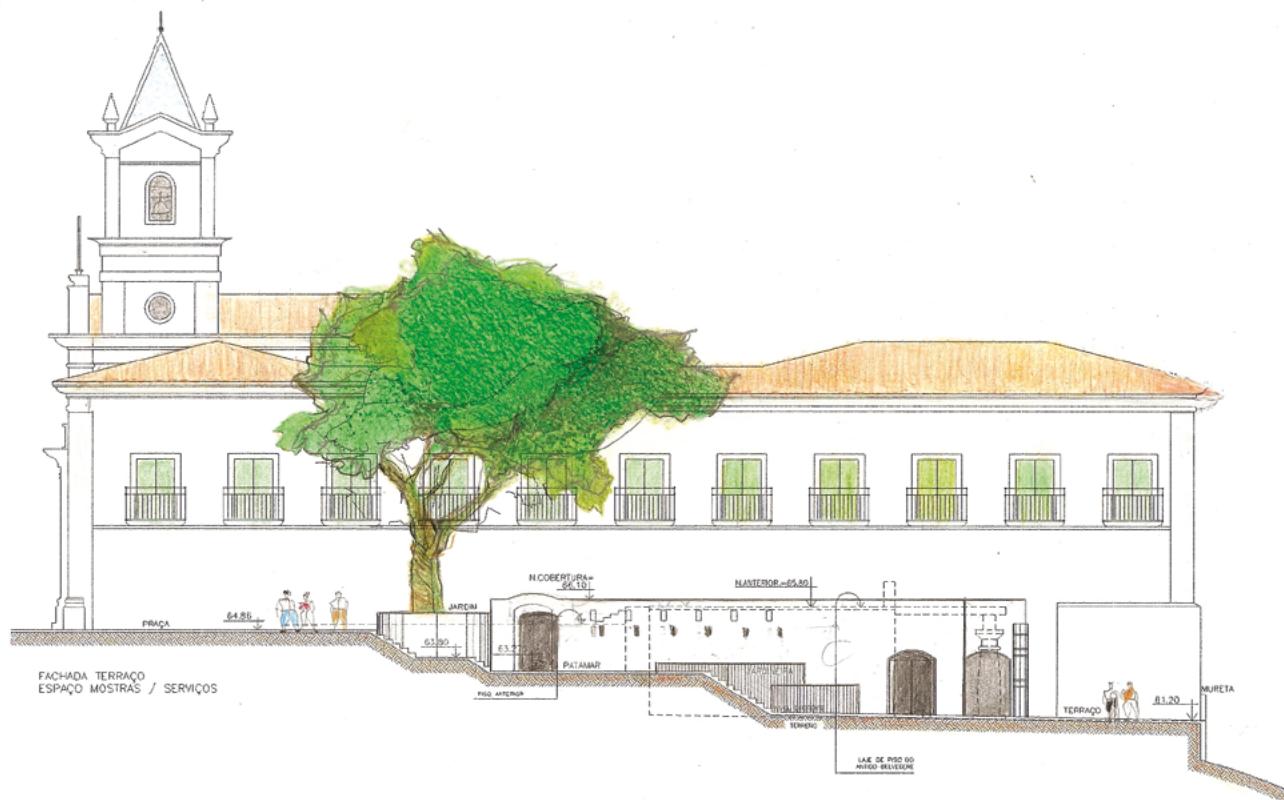


Figura 16
 Seção da Praça da Sé
 Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.

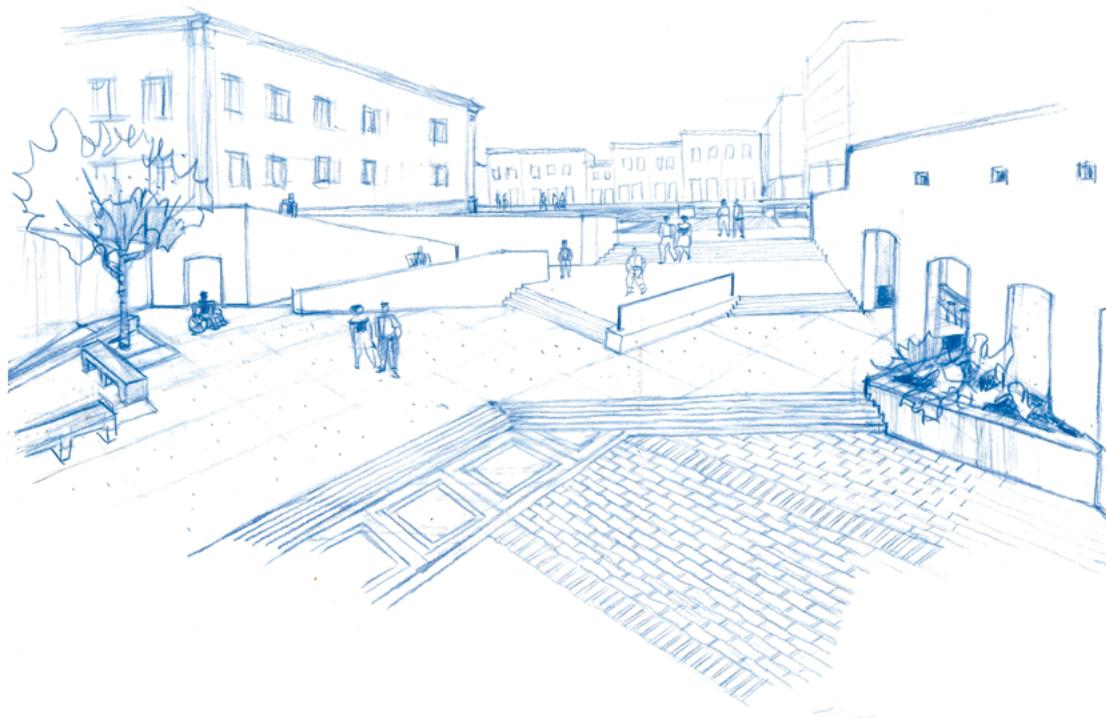


Figura 17

Vista da esplanada da Praça da Sé voltada para a Baía de Todos os Santos
Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.



Figura 18

Vista da esplanada da Praça da Sé voltada para a Baía de Todos os Santos
Fonte: arquivo Assis Reis.



Figura 19

Vista da esplanada da Praça da Sé voltada para a Baía de Todos os Santos
Foto: José Carlos Almeida.



Figura 20

Vistas aérea e lateral da Praça da Sé após conclusão dos trabalhos de requalificação
Fonte: arquivo Assis Reis.

PRAÇA DA INGLATERRA

Porção do núcleo histórico da fundação da cidade, o atual bairro do Comércio, antigo bairro da Praia, ocupava estreita faixa de terra no sopé da encosta. Mais tarde, com o seu desenvolvimento, alargou-se através de periódicos aterros hidráulicos sobre o mar da Baía de Todos os Santos.

O desdobramento do século XIX baliza importantes acontecimentos evolutivos da cidade. Os portos brasileiros são abertos a todas as nações; a urbe realiza um ciclo de avanços e modernizações urbanísticas; instalam-se as redes de serviços públicos; proporciona-se a escala de articulação entre Cidade Alta e Cidade Baixa, com a construção da Ladeira da Montanha com suas muralhas e a inauguração do elevador Lacerda.

A expansão comercial e diversificação das exportações das atividades no bairro do Comércio condicionam a penúltima fase do acréscimo territorial. Visto do mar, expressa um exuberante cenário portuário, constituído pela sequência dos coloridos sobradões de quatro ou cinco andares sobre a extensa faixa de cais que, partindo da rotunda da alfândega, hoje Mercado Modelo, alcança a escadaria de desembarque defronte à Praça Riachuelo do expressivo Palácio Neoclássico da Associação Comercial.

Diógenes Rebouças, notável e saudoso arquiteto, publicou em 1979 o livro *Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX*, com croquis e magistrais pinturas daquele significativo quadro portuário, tendo como pano de fundo o frontispício da cidade.

Maior e última conquista de terras ao mar aconteceu no primeiro quartel do século XX e transformou toda a Cidade Baixa. Foi criada a Companhia das Docas e Melhoramentos da Bahia, empresa de origem francesa subsidiada pelo gover-

no, para construir o novo porto do Salvador e terraplenar e urbanizar o território criado.

Entre o mar e a rua Portugal, antiga rua das Princesas, em contiguidade urbana, foi construída a faixa portuária com os armazéns e três vias longitudinais e transversais: avenidas da França, dos Estados Unidos e a rua Miguel Calmon. Suas transversais, articuladas às existentes, tecem a escala dos quarteirões e de uma praça denominada Inglaterra, designação nominal de nações adotada para os novos espaços criados.

Desse modo, nasceu a republicana Praça da Inglaterra. Este espaço público é dividido em duas partes pela passagem da avenida Estados Unidos. Conta com árvores e circulações definindo os gramados e, no extremo, junto à rua Miguel Calmon, o monumento de J. J. Seabra, principal defensor e partícipe deste processo de ampliação urbana.

O conjunto desta praça se mostrava mais como uma área de passagem do que de interação social.

No âmbito do programa Municipal de Requalificação dos Espaços Públicos do Salvador, fui solicitado para apresentar estudo preliminar da Praça da Inglaterra, que, seguido da aprovação, teve seu plano de reforma iniciado em 1998.

Em visita ao lugar, constatou-se um quadro desolador que atraía toda sorte de desmandos, em um estado deplorável de abandono. A deficiência de luz natural entre as altas árvores e as touceiras disfarçava abrigos de marginais.

Esta grave situação era extremamente contrastante com o entorno da praça de vivas arquiteturas, modelando rico cenário e convívio das estéticas dos tempos. Lá estão os períodos eclético, protomoderno e contemporâneo.

Na reflexão crítica daquela situação urbana, encontrei no sistema estrutural de pórtico um meio de promover uma solidária dialética entre elas e, principalmente, de estruturar os espaços propostos para a renovação da praça.

Animado, avaliei a interpretação contextual da praça, que, embora dividida pela passagem da av. Estados Unidos, foi considerada teoricamente como uma unidade partida.

A extensão maior da praça define-se pelas ruas paralelas: a do lado norte articula-se com a rua Pinto de Aguiar e alcança a boca da Ladeira da Montanha; a rua do lado sul nos anos 1970 deixa de ser viária, tornando-se um calçadão incorporado à praça. Dispondo e despertando insinuações à reforma da praça, aquele espaço do calçadão se mostrou bem-vindo e capaz de acrescentar novos usos sociais.

Reestruturar os espaços foi a ação inicial do novo desenho. Lançou-se, então, uma linha com o principal protagonista criado – o pórtico – para delimitar e organizar os principais ambientes da praça. No local do calçadão, a linha porticada define e compõe um confortável espaço-corredor, para desfrute e uso coletivos, constituído por um segmento de arvoretas em canteiros dotados de bancos e telefones públicos, posicionados na diagramação geral do piso oferecendo perspectiva de ampla visão da praça.

A cobertura arbórea da praça, com altas e densas árvores, apresentava um desagradável aspecto de debilidade, necessitando de um parecer especializado sobre a situação. O Departamento de Parques e Jardins encaminhou um especialista ao local, que identificou algumas árvores já mortas e outras que necessitavam ser podadas e revitalizadas.

Realizada essa operação, a luz natural invadiu toda a área, pintando uma praça em festa e alegria, efeito que, em parceria com os vazios das linhas porticadas organizadoras dos ambientes, alcança e dota a Praça da Inglaterra com sentido conceitual de transparência e contemporaneidade.

Finalmente, dos componentes da praça que merecem destaque, um detalhe feliz – o azul prussíatico dos bancos transformou-se em local atraente para encontros, trocas e câmbios sociais no bairro do Comércio.



Figura 21

Planta e seção longitudinal do projeto da Praça da Inglaterra
 Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.



Figura 22
Vistas da Praça da Inglaterra
Fonte: arquivo Assis Reis.



Figura 23
Vistas da Praça da Inglaterra
Fonte: arquivo Assis Reis.



Figura 24
Vista da Praça da Inglaterra
Foto: Pedro Nery.

LARGO DOS AFLITOS

O sítio secular da Igreja de Bom Jesus dos Aflitos, tradicionalmente chamado de Largo dos Aflitos, localiza-se na extensão do Núcleo Histórico do Salvador.

Contíguo à Praça Padre Aspicuelta, defronte ao quartel dos Aflitos, o largo é formado pelo terraço-adro da Igreja de Bom Jesus dos Aflitos, que se limita na borda da escarpa voltada para a Baía de Todos os Santos. O projeto de requalificação que elaboramos se destina a este largo-adro da igreja.

A Ladeira dos Aflitos, ou rua Gabriel Soares, com seus famosos sobradões azulejados, é o tradicional acesso do largo. Ela forma um balão viário envolvendo a igreja, separando-a do espaço-adro e articulando-se com a praça defronte ao quartel. Essa condição provoca um desconfortável risco e pobreza ambiental para o templo.

A superfície deste largo desgarrado da igreja, até recentemente, encontrava-se em completo abandono. Transformou-se em depósito de sucatas e oficina ao ar livre de pequenos consertos e borracharia de veículos. Posteriormente, em 1992, foram banidas do largo todas as impróprias atividades e retiradas as sucatas existentes.

Foi uma limpeza geral da área. Somente isso. Nada foi acrescentado. Permaneceram esquecidos os valores urbano e histórico do largo.

Passo, então, a iniciar o trabalho de requalificação do largo, propondo a modificação da circulação viária existente. O opressor balão viário envolvendo a igreja é descartado, substituído por uma simples via que, a partir da Ladeira dos Aflitos, passou ao lado do espaço no fundo do templo e articulou-se com a via circundante da praça defronte ao quartel. Um pequeno estacionamento é indicado para

ocupar o espaço resultante entre a lateral norte da igreja e a cabeceira livre da Ladeira dos Aflitos.

Diretamente nascido do adro-largo do frontispício da igreja, acrescenta à ambiência uma nova perspectiva: as qualidades espaciais do local seriam apreendidas ao primeiro olhar.

Geometricamente, o largo forma um retângulo, limitado pelas empenas cegas das construções preexistentes em seu lado maior norte-sul. O frontal da igreja e o lado livre do telão-mirante da baía completam a figura retangular.

O perfil longitudinal topográfico indicava uma pequena ampliação da plataforma do largo, que afirmaria criar no subsolo uma estrutura de serviços e apoio. Esta percepção primária orientou a disposição organizacional do contexto projetado.

Toda a superfície foi diagramada para um revestimento granítico com um desenho modulado, capaz de integrar todas as funções de estar e lazer do largo e do belvedere criado. Canteiros ajardinados dotados de bancos alinham-se nas divisas laterais. Defronte da igreja, o lampião de ferro fundido remanescente foi restaurado. Um verde gramado de base apropriada o local.

Na lateral do belvedere, uma convidativa escada atinge o segundo terraço no subsolo, com serviços e um restaurante aterrado. A comunicação visual entre os dois níveis ambientados é permitida pelo avanço do terraço inferior sobre a projeção do superior. O recurso fortalece a qualidade de mirante sobre a Baía de Todos os Santos.

Por último, procurou-se organizar um espaço particular articulado com o largo. O pequeno desnível existente é superado por uma suave rampa e alcança a lateral da igreja.

Toda a ideia de requalificação deste largo é fundamentada nos princípios de realçar o passado solidário aos componentes da modernidade.



Figura 25

Planta baixa do Largo e Mirante dos Aflitos

Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.



Figura 26
Largo dos Aflitos em 2004
Foto: Tom Amorim.

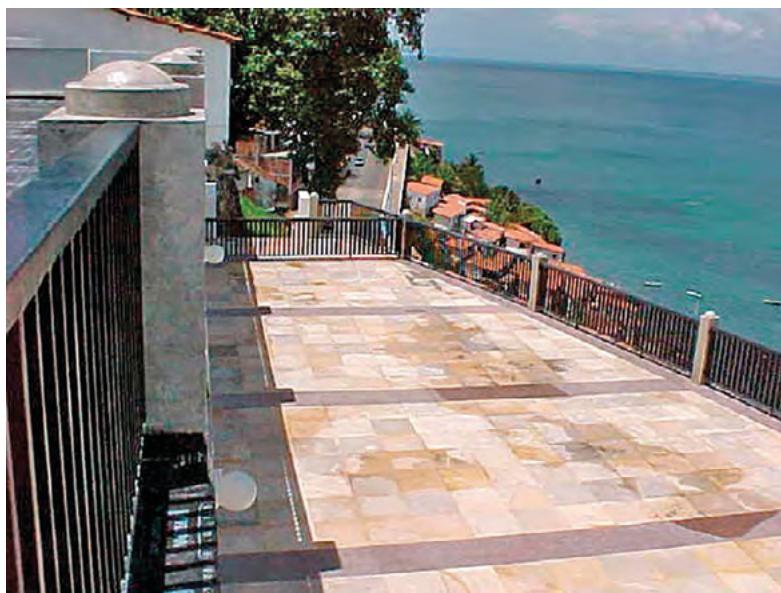


Figura 27
Mirante dos Aflitos
Fonte: arquivo Assis Reis.

LARGO DE SANTO ANTÔNIO ALÉM DO CARMO

O largo de Santo Antônio Além do Carmo é um sítio histórico de referências coloniais que representa a expansão urbana na direção norte.

O largo, conformado pelo antigo Forte Militar, pela Igreja Matriz de Santo Antônio, pelo casario colonial dos séculos XIX e XX e por uma extensa amurada ao oeste sobre a encosta do mar, teve seu desenho muitas vezes alterado ao longo dos anos.

Localizado em um bairro residencial tradicional, o largo é bastante usufruído pelos moradores e carece de uma intervenção física que promova a requalificação urbana dentro do atual trabalho de renovação da cidade para devolver o espaço público ao cidadão.

Dentro deste conceito, o projeto foi concebido e, em uma visão atualizada sobre o tratamento de espaços públicos, busca-se sintonizar a nova feição do largo com o atual trabalho de restauração do patrimônio ali edificado. Desse modo, projetou-se um espaço público de múltiplas funções e com uma variedade de equipamentos que irão abrigar as atividades diversificadas dos usuários.

Seu formato define duas superfícies: a maior, a verdadeira praça, na direção da fronteira do Forte Militar, configura-se em uma forma elipsoidal; a outra, secundária, direciona-se ao casario existente na rua do Baluarte, representada por dois canteiros triangulares.

A situação deste largo, apesar de situar-se em bairro residencial, apresentava uma imagem de abandono e pobreza de mobiliário urbano, à exceção de um nostálgico coreto de metal que necessitava de restauração. No entanto, as árvores existentes ao redor da praça visualmente amenizam o efeito de memória de cenário urbano.

Na concepção do nosso plano de requalificação urbana da praça, as funções religiosas e militares existentes foram levadas em consideração. Dessa forma, a Igreja de Santo Antônio constitui-se como geradora do partido que adotamos.

Assim, a igreja matriz foi regente da reorganização espacial do largo; daí, transverso à praça, um eixo virtual e ortogonal ao centro da igreja define um espaço longitudinal destinado às expansões de atividades religiosas, além de setorizar um duplo uso da praça.

O setor de menor superfície, ao sul, de uso passivo, possui canteiros intercalados com bancos pré-moldados. Ao norte, espaço de amplo uso, estão o coreto de metal, áreas destinadas ao lazer de adultos e crianças e uma arena para manifestações artísticas.

O coreto será mantido na sua posição original e ao redor dele será criado um espaço com forma de porção de círculo envolvido por jardins, permitindo, assim, uma passagem de interligação para a grande área destinada aos usos coletivos e ativos.

As grades da amurada na borda da escarpa serão restauradas e o passeio receberá tratamento em concreto especial texturizado, cadenciado por faixas de granito que partem do conjunto de pilares em linha da amurada até se encontrarem com o Forte, onde foi indicado o local para as baianas de acarajé.

No espaço do largo voltado para o casario equivalente a outro setor cercado por ruas, propomos um ajardinamento em forma de pera, com bancos e locais para bancas de revistas, módulo policial e, na lateral, um estacionamento.

Frontal ao casario, estende-se um largo passeio com canteiros e bancos, formando um ajardinamento voltado para o estacionamento, faixa para pedestres e rampas para portadores de necessidades especiais.

Novas árvores serão plantadas, acrescentando-se ao número das espécies existentes.

Desse modo, nosso projeto procura contribuir com as manifestações culturais locais existentes, na medida em que são criadas melhores condições para sua prática.



Figura 28

Planta baixa do Largo de Santo Antônio Além do Carmo (não executado)

Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.

LARGO DA SOLEDADE

Trata-se de notável logradouro no topo da Ladeira da Soledade, ao lado da Igreja e Convento da Nossa Senhora da Soledade, fronteiro à antiga Estrada da Liberdade, considerada o corredor da vitória da Independência da Bahia, hoje denominada rua Augusto Guimarães.

De forma trapezoidal, é envolvida por ruas com casarões dos séculos XIX e XX e apresenta um espaço em franca degradação física. Entretanto, na parte central, ficou incólume o expressivo monumento à célebre Maria Quitéria, que lutou pela Independência da Bahia.

Urbanisticamente, é uma praça envolvida por vias, o que dificulta sua utilização devido aos riscos da travessia das ruas para alcançá-la. Este fato dá início à primeira ação do Plano de Reforma do Largo. Subtraímos ramos viários: uma via lateral à igreja e outra defronte ao conjunto de casas ao fundo. Esta última foi transformada em estacionamento.

Posteriormente, no uso do espaço pós-reforma, constatou-se o acerto desta intervenção, pois resgatou o sentido antropológico do largo demonstrado pela assídua frequência dos usuários no seu uso social.

Então, o desenho global do espaço da praça foi “trizoneado”. Um frontal à rua Augusto Guimarães procura, por meio de uma modulação no piso de concreto texturizado, realçar os valores do monumento a Maria Quitéria com canteiros gramados, bancos pré-moldados e equipamentos públicos. Essa organização se estende aos outros dois espaços destinados aos lazeres adulto e infantil.

O primeiro espaço, constituído de bancadas e palco guarnecido por espesso muro com duplas arcadas de estética inspirada em ruínas de amuradas, é apropriado para manifestações artísticas. O infantil, com desenhos ondulados e

cromáticos no piso, apresenta equipamentos para recreação das crianças delimitados por muretas e bancos, além de pórticos cadenciados que servem como elementos de separação da área do estacionamento.

As faixas de passagem para pedestres e rampas para portadores de necessidades especiais situam-se apropriadamente no Largo, procurando a inclusão participativa de todos. Assim, totalizamos o nosso projeto de Requalificação do Largo da Soledade.



Figura 29
 Planta baixa do projeto de requalificação do Largo da Soledade
 Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.



Figura 30

Foto aérea do Largo da Soledade
Foto: José Carlos Almeida.

PASSEIO PÚBLICO

Sítio histórico de características singulares. Está inserido no contexto urbano de uma região da cidade que sofre profundas transformações em seu território. Foi implantado segundo os padrões europeus destinados ao prazer de passear e à contemplação da natureza. Inicialmente, incorporava, também, um jardim zoológico.

Do ponto de vista do uso e ocupação do solo, sua área foi preservada na função pública desde a sua fundação, criada em um programa de urbanização empreendido para cidades brasileiras, ainda no século XIX, época em que, na cidade do Salvador, realizavam-se importantes obras, das quais podemos destacar: o já desaparecido teatro e, ainda existentes, a Praça Riachuelo e o Passeio Público, este realizado no período monárquico.

De forma peculiar, atualmente, apresenta acessos em forma de gargantas, uma ao sul na Avenida Sete de Setembro, outra ao norte na Praça Padre Aspicuelta (Aflitos). Seu corpo, caracterizado por um denso arvoredo, está delimitado ao oeste pela rua da Gamboa de Cima, onde se situam os belvederes na escarpa da baía, e ao leste pelos fundos do jardim do Palácio e dos seus recentes anexos.

Nos últimos anos, a situação agravou-se em função da construção de edificações, inclusive dentro da área do Passeio Público, para atender a funções diversas daquelas destinadas ao equipamento, a exemplo da estação de rádio e do Teatro Vila Velha, que ocupara a área entre os dois belvederes existentes originalmente. Posteriormente, foram construídos os anexos do Palácio, do Quartel da Polícia, da Casa da Itália e, mais recentemente, a ampliação do Teatro Vila Velha, obturando a visão da Baía de Todos os Santos. Também foram construídos equipamentos destinados ao apoio de atividades culturais majoritariamente inadequados aos

padrões construtivos do local, alterando as características de muitos elementos da arquitetura e do mobiliário urbano do espaço.

Para a requalificação do Passeio Público, atendendo a princípios pautados na compreensão atualizada de intervenções físicas em logradouros públicos e nos fundamentos de restauração de sítios históricos, o projeto de reforma da área envolve o tratamento dos acessos, dos belvederes e da área conformada pelos jardins e canteiros, bem como a configuração de novos setores e a construção de novos equipamentos apropriados ao caráter do local.

Assim fundamentado, a entrada principal para pedestres é mantida e realiza-se pela transposição da monumental portada da amurada do Palácio na Avenida Sete de Setembro. Daí, segue como via de penetração com piso refeito de concreto texturizado e atravessa o espaço da garganta ladeada por jardins e estatuetas do acervo existentes que, relocadas, cadenciam a passagem e complementam uma ambiência de alameda.

Mais adiante, conecta-se a vários espaços de lazer. Os primeiros, à direita, são *playgrounds* circulares e o rico espaço de múltiplas funções. Em seguida, no mesmo lado, uma fonte antiga do acervo envolvida por um jardim circular integra-se aos *playgrounds*, compondo uma unidade formal. Ainda na direita, gera área frontal aos marcantes pórticos de entrada simbólica no espaço anteriormente citado, que, além de conter várias práticas esportivas e culturais, é apoiado por estruturas arquitetônicas e pela densa concentração de árvores. Por fim, alcança o início de uma via enladeirada, que permite o acesso ao Teatro Vila Velha e circunda a meia encosta da rua Gamboa de Cima.

O nosso projeto de requalificação procurou concentrar-se na parte violentada do local, ou seja, o tamponamento do lado oeste da meia encosta. Começamos por aí, conscientes da impossibilidade de desmaterializar a barreira imposta pelo teatro, propondo criar em paralelo um cenário composto por estruturas de uso

cotidiano – salão de projeção e palestras, galeria de arte, sanitários e restaurante – interligadas aos belvederes existentes. Este conjunto expressaria uma arquitetura humanizada de estética fácil e reconhecida. Não restabeleceria a visão perdida do horizonte marinho, mas seria um reparo ao insubstituível, com a legitimidade do direito de reanimação do lugar público, acrescentando ao ambiente novas e agradáveis funções de lazer cultural.

Em linha, como divisor virtual, uma galeria metálica coberta com policarbonato, ladeada com bancos e jardins relocados do acervo, passa defronte ao conjunto arquitetônico criado, indicando seus acessos. Segue e completa a divisa do local das diversas práticas de multiusos de lazer. No extremo da galeria, nasce, à esquerda, uma faixa de aço inox que passa sobre o jardim e o espelho d'água, alcança a área calçada onde se encontram, além do castelo d'água existente, o restaurante projetado e o antigo belvedere circular. Com o propósito de ambientar o conjunto, projetamos um sistema periférico porticado de concreto.

A segunda garganta de acesso, ao norte, atende ao estacionamento de veículos e aos pedestres. No percurso da calçada à direita, alcança os pórticos sinalizadores da entrada do jardim do Passeio Público. Telefones públicos, bancas de revistas e barracas de acarajé encontram-se estrategicamente situados.

Desse modo, enfatizamos os principais valores do Passeio Público: contemplar, passear e recrear-se.

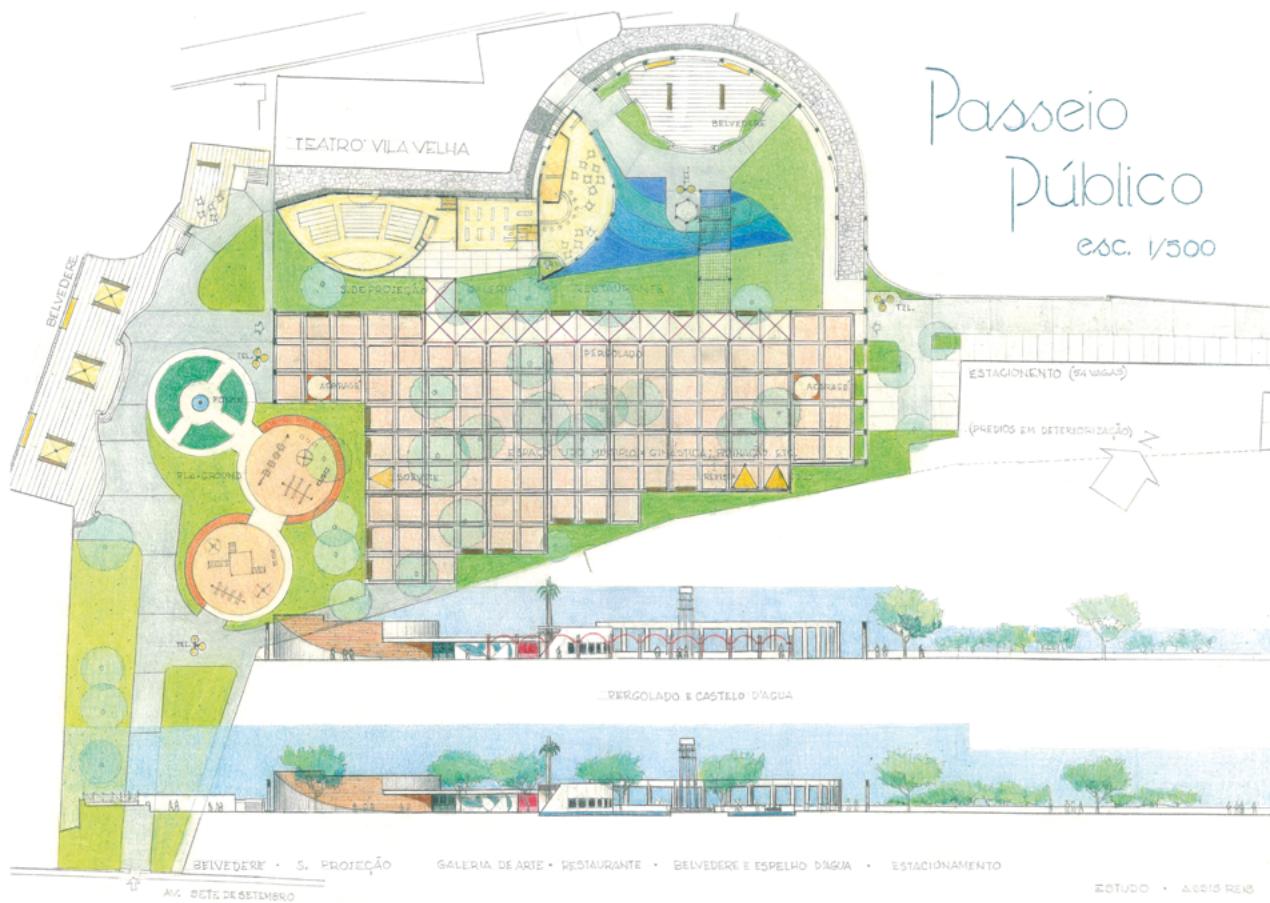


Figura 31
Planta e seções longitudinais do Passeio Público (não executado)
Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.

LARGO DO PIRAJÁ

O projeto do Largo do Pirajá, concepção que consideramos pioneira, foi anterior ao Programa de Recuperação dos Espaços Públicos da cidade na gestão 1996-2004.

O Largo do Pirajá situa-se no bairro suburbano de Pirajá, sítio famoso, reconhecido historicamente como a memória maior das lutas pela Independência da Bahia.

Foi modificado a título de “modernização”, por um urbanismo sem passado que priorizava a supremacia do tecnicismo viário, que fratura a unidade espacial do largo, basicamente constituída pela praça, a Igreja São Bartolomeu, o *pantheon* e o cruzeiro. Aliados a isso, nos últimos anos, a falta de manutenção pública e o vandalismo inicia um processo de arruinamento do largo.

O quadro era comovedor. À primeira vista, parecia uma abstração cênica bergmaniana protagonizando tempos à deriva no mar asfáltico.

O largo tem forma triangular definida por vias, das quais a principal e maior limita a frente oriental do largo e as outras, partindo dos extremos desta principal, formam ramos viários, incorporando e ilhando a praça e os monumentos, em cujas retaguardas os ramais se fundem tornando-se via única direcionada aos subúrbios ferroviários.

Interpretando essas condicionantes críticas, tentamos reformular o largo e compatibilizar a demanda viária ao caráter de ambiência histórica. Foi retirado um dos ramais viários, aquele ao lado norte que acompanha o muro do cemitério, transferindo o desempenho da via para o outro ramal. Desse modo, a superfície de piso do largo amplia-se, envolve os monumentos e se finda no muro do cemitério.

Com tão pouco, o espaço tornou-se descontraído, amplo e convidativo às reinterpretações desejadas.

Desenhando a reorganização da praça-largo com um traçado de integração espacial de todo o conjunto implícito, procurou-se criar um cenário que se pensa digno da sua página histórica.

Balizando os monumentos, igreja, *pantheon* e o cruzeiro, produziu-se um *layout* com modulação de eixos cruzados, formando submódulos de quadrados que, interpretados na superfície do largo com materiais calcários tradicionais, apresentam uma superfície cromática. Lateralmente, na igreja e no *pantheon*, agenciou-se um ajardinamento nos pisos-passeios destes monumentos. Orientado axialmente pela igreja, no ponto de cruzamento de uma das coordenadas transversais da modulação, permanece com novo suporte o antigo cruzeiro. Ao fundo dos templos, indicou-se um pátio de carga e descarga.

Pela dificuldade de entrosamento volumétrico do *pantheon*, projetamos três pórticos frontais e participativos do seu espaço, procurando possibilitar interatividade à sua existência.

No lado oriental, em frente ao largo, em nível mais elevado em relação à rua principal, a delimitação é realizada por uma amurada de contenção utilizando o coroamento como guarda-corpo, bancos lineares que se finalizam pelas escadarias compondo o rosto principal do largo. Estas escadarias convidam com relevância espacial a comunidade e, debruçando-se ao oriente, alcançam sua *performance*.

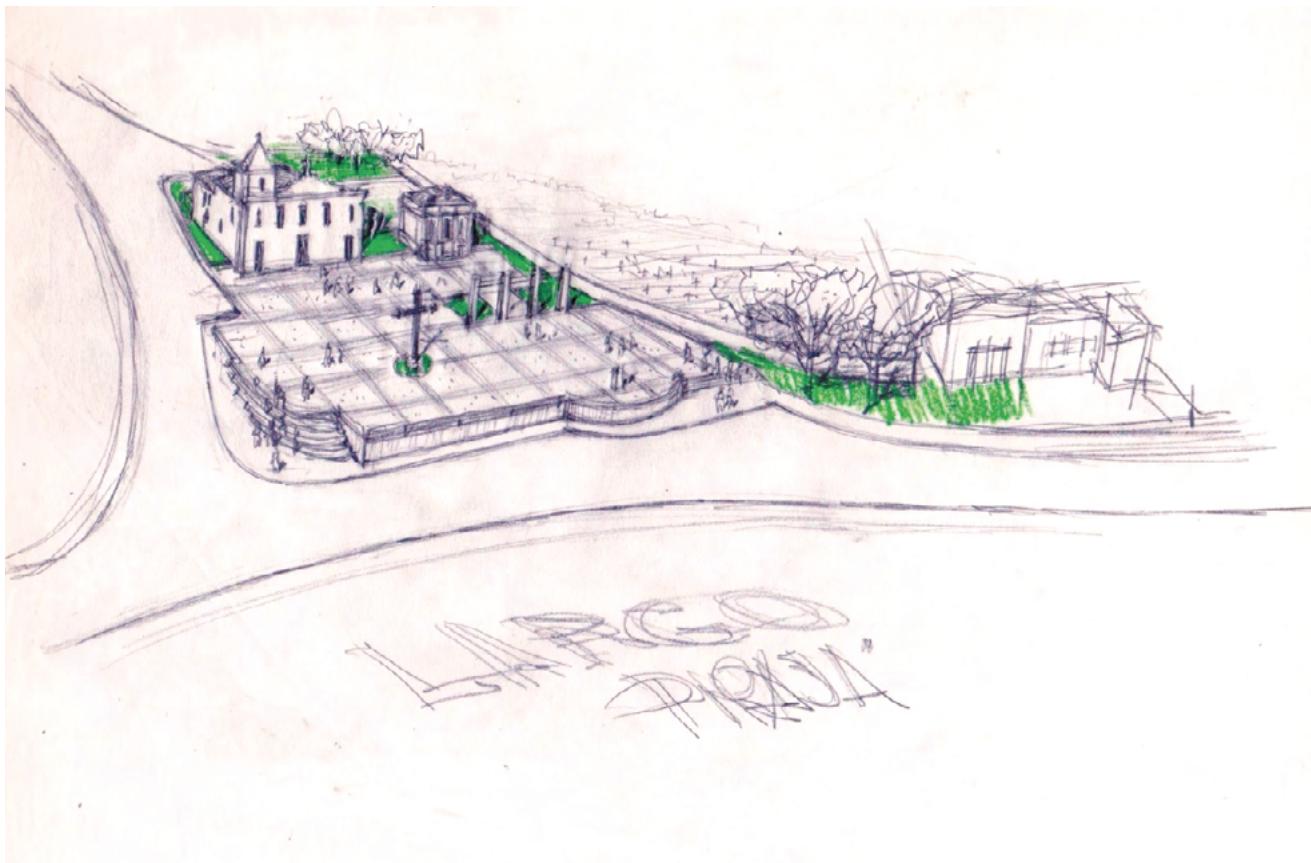


Figura 32

Planta baixa do projeto de requalificação do Largo do Pirajá
Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.



Figura 33
Largo do Pirajá após requalificação
Foto: José Carlos Almeida.

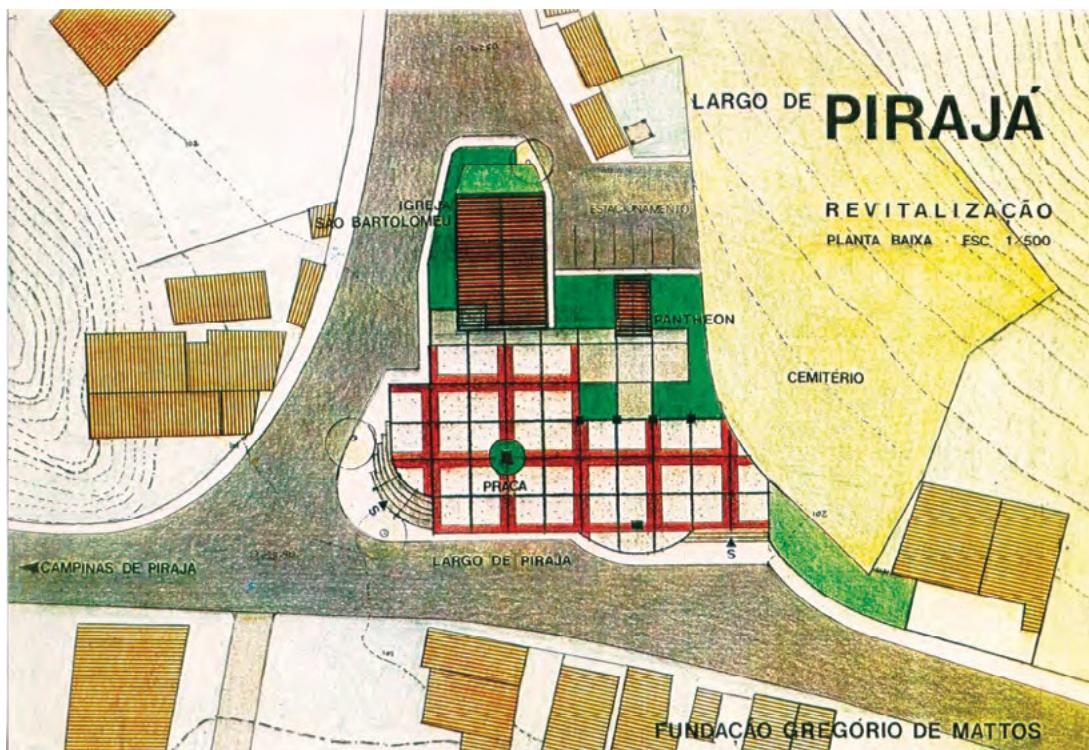


Figura 34

Planta baixa do projeto de requalificação do Largo do Pirajá
Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.

MORRO DO CRISTO

Este local, como monumento, é um dos tradicionais marcos da cidade do Salvador e localiza-se na borda atlântica, em cota elevada, numa formação geológica bastante característica de relevo acidentado sobre a linha do mar.

O monumento tem sofrido bastante a ação do tempo e, por localizar-se afastado da avenida Oceânica, não cumpre de forma adequada sua função como ponto de visitação e de atração turística. Da mesma forma, a escala do monumento não torna presente no contexto, nem se destaca no horizonte da paisagem.

Assim, nossa intervenção objetivou três princípios. O primeiro, tornar a estátua do Cristo mais visível, dotando-o de um pano de fundo cromático e elevando o conjunto alcançável à escala monumental; o seguinte, reorganizar a base do monumento, alcançando um caráter de estar e lazer; e, por fim, em virtude da grande distância entre o monumento e a avenida Oceânica, tornar o acesso de pedestres mais confortável, localizando espaços de descanso ao longo do percurso.

Esta intenção projetual pretende a requalificação ambiental e o enriquecimento urbanístico daquele patrim nio da cidade.

Abandonando o percurso cansativo do acesso existente, propomos um novo, seguindo a linha transversal entre as curvas de nível e criando, assim, dois espaços de descanso que oferecem novos pontos de visualização paisagística até alcanç o o monumento.

A plataforma do monumento teve sua área ampliada conformando um quadrado com v rtices arredondados. Em cada um deles, localizam-se escadarias que conduzem a um setor mais elevado, constituindo novos patamares mirantes. A mureta da base do monumento foi redefinida por uma nova em concreto aparente.

Na parte interior, o piso gramado inclinado conforma um tronco de pirâmide em cujo topo está assentado um piso de granito que emoldura o sopé da estátua.

Lembrando a estética de uma vela de barco, uma estrutura vertical em aço inoxidável articulada por perfis semicirculares metálicos apoia placas de acrílico amarelo transparente, emoldurando a estátua, acentuando sua representação e sua escala e compondo, assim, um novo quadro ambiental e paisagístico do Cristo.

Os desenhos e plantas são protagonistas da releitura deste símbolo urbano.

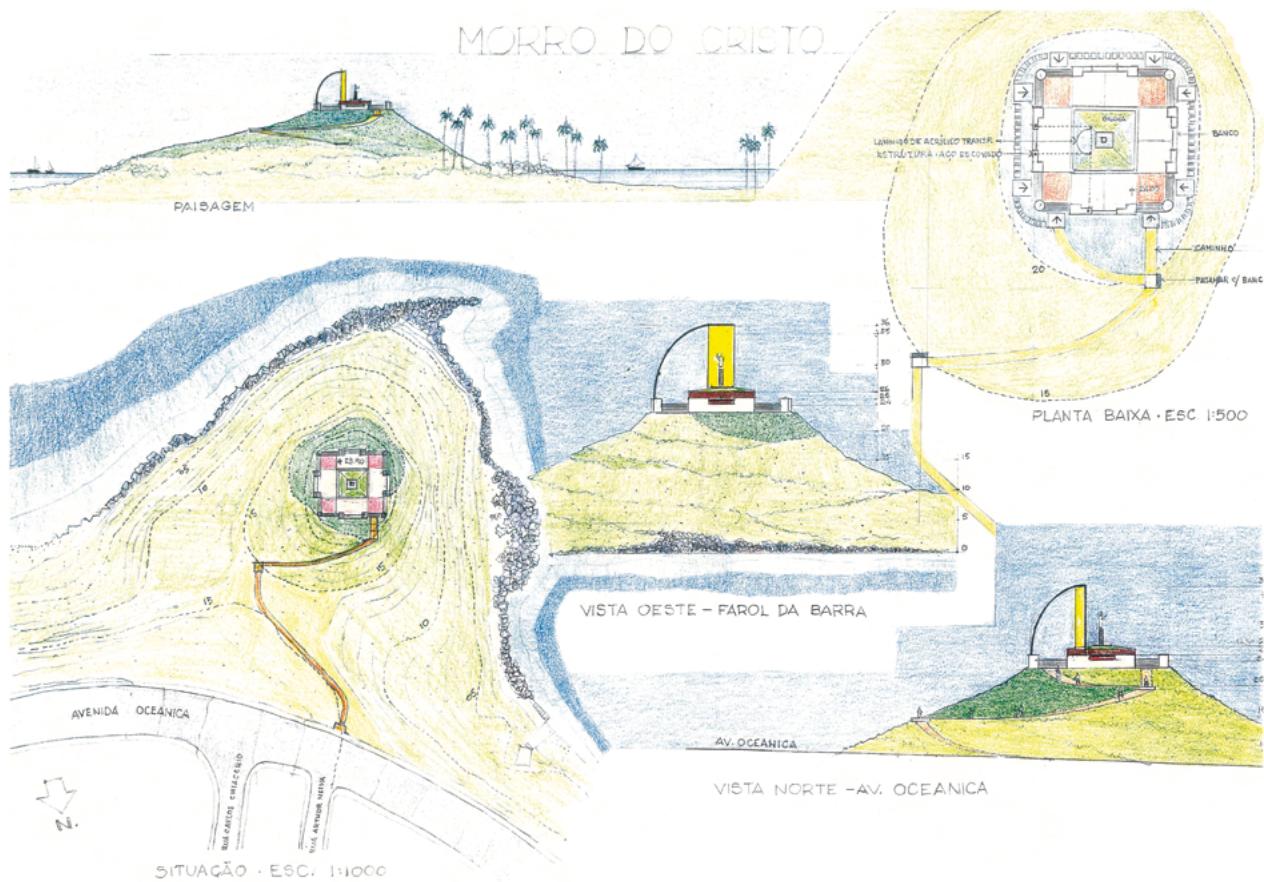


Figura 35

Vista e planta do projeto do Morro do Cristo (não executado)

Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.

MONT-SERRAT

O sítio histórico de Mont-Serrat, um dos mais pitorescos da cidade, está situado na Ponta de Humaitá, extensão de terra avançada sobre o mar na direção oeste.

Aquele valioso conjunto assentado em terreno acidentado e de formação rochosa se compõe de um pequeno farol, da igreja alpendrada, do casario colonial, do pequeno cais atracadouro, do quartel à beira-mar e, no ponto mais elevado, do antigo Forte de Mont-Serrat. Completa o conjunto uma extensão da declividade verde que se derrama do forte à beira-mar.

O sítio histórico, pelas suas qualidades arquitetônicas, culturais e paisagísticas, é bastante frequentado por uma gama diversificada de usuários, gente do local ou por aqueles que ali buscam referenciais da identidade cultural da cidade.

A atitude de promover a requalificação urbana local visa, portanto, dar intensidade ao quadro ambiental do lugar, atuando na revitalização do espaço que envolve a igreja alpendrada e na construção de uma praça à beira-mar próxima ao Forte.

A ideia básica contida no projeto de revitalização do entorno da igreja estabelece a implantação de um calçadão, em concreto texturizado, envolvendo o monumento, estendido até o restaurante existente e finalizado com uma larga escadaria, permitindo uma fluida ligação com a pequena praia local. O desenho da borda foi definido a fim de permitir a construção de vagas para automóveis, sendo o piso tratado com concreto pré-moldado.

O projeto da praça a ser executado na área plana e verde existente ao oeste da encosta do Forte foi concebido de modo a criar um equipamento de lazer que complementarà aquela estrutura urbana tradicional do local.

A proposta de intervenção define áreas e equipamentos de formas diferenciadas na nova praça delimitada por uma via que chamamos de “rambla” na borda marinha, estrutura que complementarà o quadro atual.

Na borda do mar, acompanhando a alvenaria existente que deverá ser complementada, uma rambla em declive articulará a praça com o local de oferendas na “pedra da sereia”. A partir desse ponto, um caminho, construído em placas pré moldadas sobre as pedras, se articulará com a trilha existente, que se dirige à praia da Boa Viagem.

O piso da rambla será executado em policromia de pedra portuguesa e placas de concreto pré-moldado.

Sobre a alvenaria existente, acompanhando o desenvolvimento da rambla, será instalado um conjunto de bancos alinhados, apoiados em pilaretes de concreto pré-moldado.

Entre a extremidade sul da rambla e a encosta do Forte, será instalado o equipamento de lazer infantil com forma circular delimitado por bancos. Serão, também, instalados dois quiosques para atividade comercial.

No setor central da praça, entre a rambla e a encosta do Forte, será projetado um espaço de uso múltiplo pavimentado com piso reticulado. Um conjunto de totens (cilindros de concreto policromados) acompanha o sentido ascendente da rambla, alinhados na parte do interior do setor, paralela à encosta. Um jardim, tratado com forração vegetal ou grama, emoldura esta extremidade.

Na extremidade oposta, de feição recortada, uma escadaria de degraus encurvados e um pequeno jardim articulam o setor e a rambla, dando uma rica unidade ao piso. Bancos em concreto pré-moldado serão instalados, obedecendo-se ao recorte daquela borda.

No trecho mais elevado da rambla, calçadas e rampas articulam a rua da Boa Viagem com a praça.

A partir deste ponto, a rambla estende-se em declive, até encontrar o casarão para permitir a construção do estacionamento de veículos. Um pequeno jardim arremata a forma cortada do estacionamento promovendo a integração com a rambla.

Todas as calçadas daquele sítio histórico serão feitas em concreto especial texturizado.



Figura 36

Planta e seção do projeto de requalificação da Ponta de Humaitá (parcialmente executado)

Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.



Figura 37
Ponta de Humaitá após requalificação parcial
Foto: José Carlos Almeida.

LARGO DA LAPINHA

Local de diversos festejos e manifestações culturais. Dentre as comemorações religiosas, a mais representativa é a festa dos Reis Magos, concentrada e realizada em um palanque elevado existente na praça. A presença do monumento ao General Labatut é referencial histórico das comemorações do 2 de julho, Independência da Bahia.

O espaço deste largo se situa entre a amurada da escarpa e a rua Corredor da Lapinha (antiga estrada da Liberdade). É constituído pela Igreja Nossa Senhora da Lapinha, construída no período colonial, por seu adro e por uma pequena praça, todos envolvidos por uma rua do casario dos séculos XIX e XX. A requalificação deste largo abrange o adro da Igreja da Lapinha e a praça, solidária às manifestações sociais e populares.

Propomos, como unidade, uma integração da praça estendida que envolva a igreja. Em seu lado ocidental, foi localizado um estacionamento para veículos e, na sua proximidade, um quiosque de serviços.

A forma do primitivo palanque em piso elevado será substituída por outra, em forma ovaloide.

Entre a igreja e este palanque, que é usado, principalmente, para a festa popular dos Reis, será criado um espaço delimitado por um banco transversal à praça que poderá ser utilizado para atividades religiosas e extensão das festas populares.

Em frente à rua Corredor da Lapinha, é criado um espaço circular com canteiros, bancos e jardins, mantendo, no mesmo local, o monumento existente. Entre este espaço e o palanque, um canteiro de forma irregular será constituído por bancos e jardins.

Propõe-se um belvedere com lanchonete e serviços de conforto próximo à amurada da escarpa, que se articulará com o caminho existente para pedestres em direção à Cidade Baixa, onde passa a avenida Jequitaia.

Quando executada esta intervenção, o projeto sofreu alterações no plano original que, de alguma forma, comprometeram conceitualmente a identidade da requalificação.

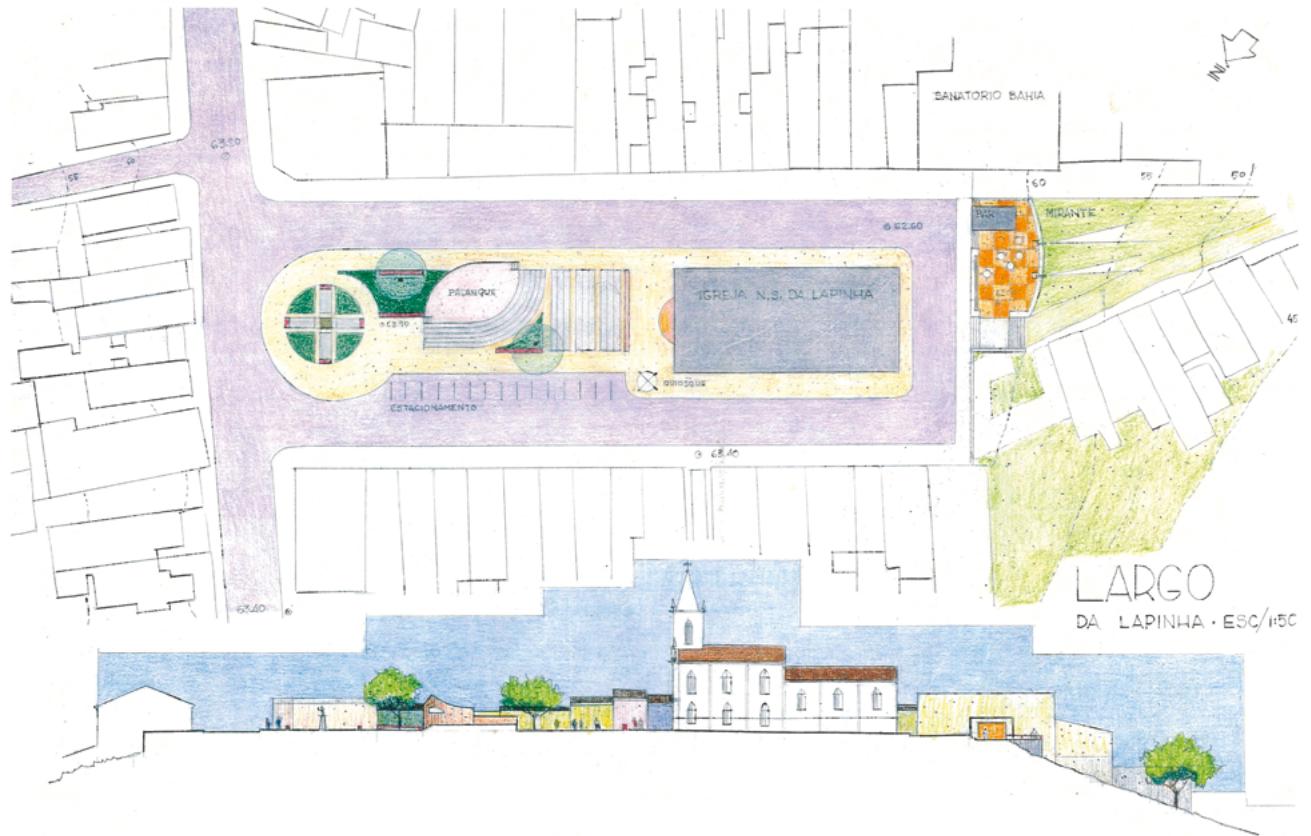


Figura 38

Planta do projeto de requalificação do Largo da Lapinha
Fonte: arquivo Assis Reis. Desenho de Assis Reis.



Figura 39
Largo da Lapinha em 2004
Foto: Tom Amorim.



Figura 40
Largo da Lapinha em 2004
Foto: Tom Amorim.

PRAÇA DOS VETERANOS

Primitivamente chamada de Praça da Guadalupe, hoje é chamada e conhecida como Praça dos Veteranos. De formato triangular, em frente ao Quartel dos Bombeiros, este espaço se situa entre a popular rua Baixa dos Sapateiros (J. J. Seabra) e a rua do Gravatá. Articula-se, também, com a Ladeira da Palma.

A principal intervenção consistiu em modificar o alinhamento da rua do Gravatá, tornando-a paralela à rua J. J. Seabra e formando uma nova via de transição direcionada à Ladeira da Praça, resultando na adequação e ampliação do calçadão com estacionamento e com acesso ao Solar do Gravatá – Casa da Cultura da Angola na Bahia.

Na nova forma da praça, propõem-se dois setores. No primeiro, paralelo à rua J. J. Seabra, cria-se um espaço longitudinal modulado por áreas de lazer e estar, onde serão localizadas novas árvores, complementando as já existentes, bancos, bancas de revistas e uma barraca de acarajé. No outro setor, defronte ao casario comercial, corrigindo o desnível existente por meio de degraus e patamares, propõe-se uma urbanização adequada à presença do monumento.

O desenho do piso da praça em concreto texturizado está subordinado a uma modulação ortogonal demarcada por filetes em granito preto que formam, entre eles, nos módulos maiores, quadrados emoldurados por faixas em granito *orange*, contendo grama ou porcelanato. Nos módulos menores, situam-se bancos pré-moldados misturados com pigmentação na cor mostarda.

O piso que conforma e define a área envolvente à base de um monumento (proposto pela Prefeitura) é constituído por cerâmica *trottoir* e degraus em granito *orange* entre os desníveis. Dessa forma, busca-se dar um maior destaque ao caráter da área.

Estrategicamente, situam-se faixas e rampas para pedestres nas ruas J. J. Seabra e do Gravatá.

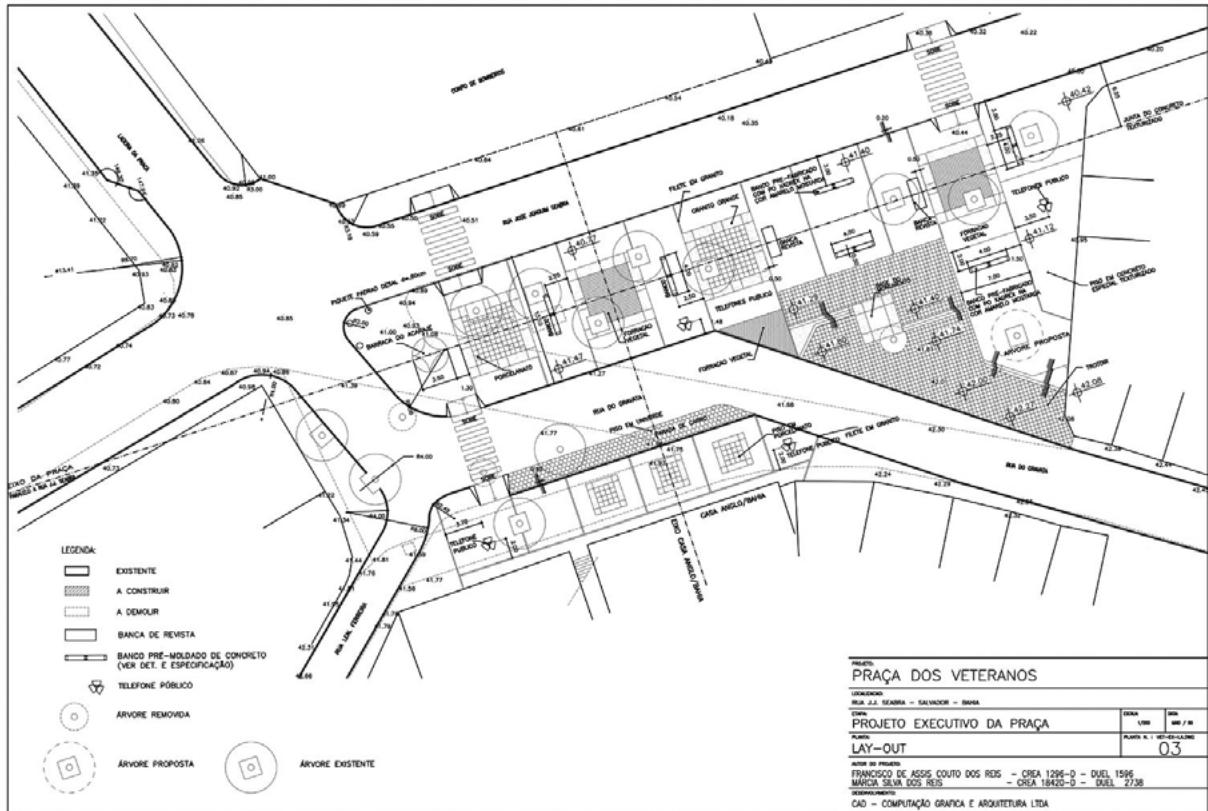


Figura 41
 Planta da Praça dos Veteranos
 Fonte: acervo Assis Reis.

REFLEXÕES FINAIS

Num decorrer de fatos inevitáveis e coincidentes, a vida levou-me ao longo da minha mocidade a vivenciar com profunda intensidade a zona central de Salvador e suas praças, locais dos principais acontecimentos religiosos e cívicos da cidade.

Dentre as passagens marcantes, lembro-me de uma bem simples: a presença do engraxate e pintor primitivo João Alves no espaço ocupado pela Praça da Sé.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. O anel de Polícrates. *In: ASSIS, Machado de. Obra Completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1. Não paginado.

BUENO, Eduardo. *A coroa, a cruz e a espada.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé.* Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado, 1999.

REBOUÇAS, Diógenes; GODOFREDO FILHO. *Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX.* Salvador: Odebrecht, 1979.

SALVADOR (BA). Prefeitura; BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo. *Praça da Sé.* Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador: Governo da Bahia: Secretaria da Cultura e Turismo, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia. *Evolução física de Salvador.* Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1979. v. 1.

Formato: 20 x 20 cm
Fontes: Source Sans Pro
Extensão Digital: PDF

JOSÉ CARLOS HUAPAYA ESPINOZA é Arquiteto e urbanista pela Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Artes de la Universidad Nacional de Ingeniería (FAUA-UNI). Mestre e doutor em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPGAU/UFBA); realizou estágios de pós-doutorado nessa mesma instituição e no Dipartimento di Architettura da Università di Bologna. É professor na Faculdade de Arquitetura da UFBA e professor permanente no PPGAU/UFBA.

MÁRCIA SILVA DOS REIS é Arquiteta pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Conservação e Restauração de Monumentos Históricos (MPCECRE/UFBA), e é doutoranda nessa mesma instituição. Fez Estágio Doutoral (PDSE-CAPES), realizado na École Polytechnique Federale de Lausanne, Suíça, na pesquisa Vazios Construídos. Atualmente é professora da Universidade Salvador (Unifacs) e na Universidade Católica de Salvador (Ucsal). Faz parte de um grupo de pesquisa Projeto, Cidade e Memória na UFBA, voltado para o estudo da arquitetura moderna na Bahia. Atuou como sócia-arquiteta juntamente com o arquiteto Assis Reis, onde desenvolveu projetos nas áreas públicas e privada. Foi diretora do Instituto de Arquitetos do Brasil Departamento da Bahia e Conselheira suplente no Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU-Ba), onde atualmente é Conselheira Titular.

A *Trilogia Assis Reis* constitui-se em um conjunto de obras selecionadas pelo arquiteto Assis Reis. Esses projetos, para ele, refletiam a síntese e a autorreflexão sobre parte de sua extensa produção arquitetônica e urbanística desenvolvida em Salvador. O primeiro livro é dedicado a suas propostas voltadas para o espaço urbano, especificamente traduzidas em uma série de projetos para reforma de diversas praças na cidade. O segundo livro, que traz à tona sua preocupação pela cultura soteropolitana e a importância dessa questão como forma de identificação com a cidade, trata da proposta não concretizada para o Centro de Identidade Cultural para Salvador e de uma de suas obras mais importantes, o Modelo Reduzido da Cidade de Salvador. O terceiro livro é dedicado à sua obra magna: a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf).



FMLF
Fundação
Mário Leal Ferreira

Secretaria de
Desenvolvimento
Urbano

